

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM  
ESPECIALIDADE: TEORIA E ANÁLISE LINGÜÍSTICA  
LINHA DE PESQUISA: FONOLOGIA E MORFOLOGIA**

**O USO DO PARTICÍPIO EM FORMAÇÕES VERBAIS  
NO PORTUGUÊS DO SUL DO BRASIL**

**INACIANE TEIXEIRA DA SILVA**

**ORIENTADOR: PROF. DR. LUIZ CARLOS SCHWINDT**

Dissertação de Mestrado em Teoria e Análise  
Lingüística, apresentada como requisito parcial  
para a obtenção do título de Mestre pelo  
Programa de Pós-Graduação em Letras da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**PORTO ALEGRE  
2008**

## AGRADECIMENTOS

*A Deus,  
por ter me ter concedido a graça de ser parte de sua obra;*

*aos meus pais,  
Leandro e Joraci, pelo apoio sem o qual eu não teria vencido esta batalha;*

*à minha filha,  
Thaciane, por me servir de estímulo e compreender as horas de ausência;*

*ao meu orientador,  
Prof. Luiz Carlos Schwindt, pelo exemplo, pela dedicação e  
pela paciência nas horas de orientação.*

## RESUMO

Nesta pesquisa, estuda-se o uso do particípio na construção de tempo composto e voz passiva no português do sul do Brasil. Os objetivos específicos são (1) verificar qual a forma mais produtiva/recorrente do particípio em formações verbais; (2) tentar verificar a influência de fatores lingüísticos e extralingüísticos na opção do falante pelo uso da forma regular ou da forma irregular de particípio e; (3) realizar uma análise comparativa entre a norma ditada pela Gramática Tradicional e o uso do particípio nas formações verbais em situações reais de fala. A metodologia utilizada na pesquisa é a análise quantitativa de dados. O *corpus* é constituído de dados de duas naturezas: dados de 24 informantes com até 9 anos de escolaridade, provenientes de entrevistas do Projeto VARSUL, por caracterizarem o uso do particípio na fala espontânea; e dados de 22 informantes com ensino superior completo ou em andamento, provenientes de testes de produtividade, porque desejávamos levantar usos específicos do particípio irregular, como *tinha chego*, por exemplo, o que dificilmente seria alcançado nas entrevistas do VARSUL. Para a análise dos dados, fizemos um uso adaptado dos programas que compõem o Pacote VARBRUL. Considerando que nossa pesquisa não trata de um fenômeno variável, mas, sobretudo, investiga a regularidade de um fenômeno tipicamente alternante, optamos por aproveitar somente as informações referentes à frequência (porcentagem) de aplicação do objeto em estudo. Os resultados preliminares mostraram que os tipos de verbos e as formações presentes nos dados do Banco VARSUL favoreceram o uso predominante do particípio regular, ainda que o irregular tenha aparecido em contextos específicos. Já nos resultados preliminares dos Testes, com os verbos e as formações verbais utilizadas, o uso do particípio se mostrou predominantemente alternante, isto é, os falantes alternaram as formas regulares e irregulares de particípio em formações com voz passiva e tempo composto, porém, algumas vezes, o uso do particípio manifestou-se como variável.

Palavras-chave:

Particípio - norma - uso - produtividade - alternância

## ABSTRACT

In this research, the use of participle in the building of the compound tense and the passive voice of southern Brazil Portuguese language is studied. The specific objectives are (1) verify what the most productive/recurring participle form in verbal formations is; (2) try verifying the influence of linguistic and extra-linguistic contexts when the speaker has to choose whether using the participle regular or irregular form; (3) conduct a comparative analysis between the rule prescribed by the Traditional Grammar and the use of participle in verbal forms of *corpora*. The methodology used in the research is data quantitative analysis. The *corpus* is made up of data from two different sources: data from 24 subjects with up to 9 years of study in school, deriving from interviews of the VARSUL Project, for characterizing the use of participle in the spontaneous speech; and data from 22 subjects, who were either graduate or undergraduate students, deriving from productivity tests, as we wanted to identify specific uses of irregular participle, as *tinha chego* (had arrived), for example, which would be hardly obtained from the interviews in VARSUL. For the data analysis, we made an adapted use of the programs that compose the VARBRUL Package. Considering that our research is not related to a variable phenomenon, but, above all, to investigate the regularity of a mainly alternate phenomenon, we decided to make use of only the information referring to the application frequency (percentage) of the subject in study. The preliminary results showed that the types of verbs and the formations present in the data in the VARSUL database favored the predominant use of the regular participle, although the irregular form was evident in specific contexts. Yet, in the preliminary results of the tests, with the verbs and the verbal formation used, the use of participle showed to be mainly alternate, i.e., the speakers alternated the use of regular and irregular forms of participle in formations with the passive voice and with the compound tense, however, the use of participle showed to be variable, at times.

Keywords:

Participle - norm - use - productivity - alternation

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Distribuição da <i>conjugação do verbo</i> sobre o uso do particípio irregular .....	51
TABELA 2 – Distribuição da <i>classificação do verbo</i> sobre o uso do particípio irregular ....	52
TABELA 3 – Distribuição da <i>formação com o verbo</i> sobre o uso do particípio irregular ....	53
TABELA 4 – Distribuição da <i>classificação silábica do verbo</i> sobre o uso do particípio irregular .....	53
TABELA 5 – Distribuição da <i>tonicidade do contexto seguinte</i> sobre o uso do particípio irregular .....	54
TABELA 6 – Distribuição da <i>escolaridade</i> sobre o uso do particípio irregular .....	54
TABELA 7 – Distribuição da <i>localização geográfica</i> sobre o uso do particípio irregular ...	55
TABELA 8 – Distribuição da <i>conjugação do verbo</i> sobre o uso do particípio irregular .....	56
TABELA 9 – Distribuição da <i>classificação do verbo</i> sobre o uso do particípio irregular (VERBOS DO LÉXICO) .....	57
TABELA 10 – Distribuição da <i>formação com o verbo</i> sobre o uso do particípio irregular ..	59
TABELA 11 – Distribuição da <i>classificação silábica do verbo</i> sobre o uso do particípio irregular (VERBOS DO LÉXICO) .....	60
TABELA 12 – Distribuição da <i>classificação silábica do verbo</i> sobre o uso do particípio irregular (VERBOS HIPOTÉTICOS) .....	61
TABELA 13 – Distribuição da <i>tonicidade do contexto seguinte</i> sobre o uso do particípio irregular .....	62

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição dos participios nos dados do VARSUL e dos Testes de Produtividade .....	50
Gráfico 2: Distribuição dos participios nos dados do VARSUL .....	51
Gráfico 3: Distribuição dos participios nos dados dos Testes de Produtividade .....	55
Gráfico 4: Aplicação dos participios conforme classificação do verbo .....	58

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Resumo da abordagem das Gramáticas .....	25
Quadro 2: Verbos que inspiraram os verbos hipotéticos .....	48
Quadro 3: Resumo das Conclusões sobre Produtividade .....	75

## SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS .....	5	
LISTA DE GRÁFICOS .....	6	
LISTA DE QUADROS .....	7	
INTRODUÇÃO .....	10	
1	<b>A PESQUISA</b> .....	12
1.1	<b>OBJETO DE ESTUDO</b> .....	12
1.2	<b>OBJETIVOS</b> .....	12
1.2.1	<b>Objetivo Geral</b> .....	12
1.2.2	<b>Objetivos Específicos</b> .....	12
1.3	<b>JUSTIFICATIVAS</b> .....	13
1.3.1	<b>Justificativa Interna</b> .....	13
1.3.2	<b>Justificativa Externa</b> .....	13
1.4	<b>HIPÓTESES</b> .....	13
2	<b>REVISÃO TEÓRICA</b> .....	15
2.1	<b>ESTUDOS SOBRE PARTICÍPIO</b> .....	15
2.1.1	<b>Particípio</b> .....	15
2.1.2	<b>Auxiliarização</b> .....	19
2.2	<b>ABORDAGEM DESCRITIVA <i>versus</i> ABORDAGEM NORMATIVA</b> .....	21
2.2.1	<b>Napoleão Mendes de Almeida</b> .....	21
2.2.2	<b>Carlos Henrique da Rocha Lima</b> .....	22
2.2.3	<b>Domingos Paschoal Cegalla</b> .....	23
2.2.4	<b>Celso Cunha e Luís F. Lindley Cintra</b> .....	24
2.2.5	<b>Celso Pedro Luft</b> .....	24
2.2.6	<b>Norma <i>versus</i> Uso</b> .....	26
2.2.7	<b>Preconceito Lingüístico</b> .....	31
2.2.8	<b>Produtividade</b> .....	35
2.2.9	<b>Hipercorreção</b> .....	40
3	<b>METODOLOGIA</b> .....	42
3.1	<b>DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS</b> .....	42
3.1.1	<b>Variável Dependente</b> .....	42
3.1.2	<b>Variáveis Independentes</b> .....	43
3.1.2.1	<b>Variáveis Independentes Lingüísticas</b> .....	43
3.1.2.2	<b>Variáveis Independentes Extralingüísticas</b> .....	44
3.2	<b>CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA – <i>Corpora</i></b> .....	45
3.2.1	<b>Amostra Retirada do Banco de Dados do VARSUL</b> .....	45
3.2.1.1	<b>População</b> .....	45
3.2.1.2	<b>Composição da Amostra</b> .....	45
3.2.1.3	<b>Coleta de Dados</b> .....	46
3.2.2	<b>Amostra Retirada dos Testes de Produtividade</b> .....	46
3.2.2.1	<b>População</b> .....	47



3.2.2.2	Composição da Amostra .....	47
3.2.2.3	Constituição dos Testes .....	47
3.2.2.4	Coleta de Dados .....	48
3.3	<b>ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS</b> .....	48
4	<b>DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	50
4.1	<b>DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DOS DADOS DO VARSUL</b> .....	50
4.2	<b>DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DOS DADOS DOS TESTES DE PRODUTIVIDADE</b> .....	55
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	73
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	77
	<b>ANEXOS</b> .....	80
	ANEXO A - Testes de Produtividade .....	81
	ANEXO B - Testes de Produtividade - Resumo das Ocorrências dos Verbos do Léxico ....	84
	ANEXO C - Testes de Produtividade - Resumo das Ocorrências dos Verbos Hipotéticos ..	85
	ANEXO D - Lista de Ocorrências dos Verbos do VARSUL .....	86
	ANEXO E - Amostra de ocorrências de <i>tinha chego</i> em forma escrita na Internet .....	94

## INTRODUÇÃO

Sabemos que as línguas são dinâmicas e estão em constante transformação, evoluindo sempre, acompanhando a evolução da sociedade. Partindo deste pressuposto, acreditamos que os fenômenos lingüísticos sofrem influência de fatores sociais, os quais, muitas vezes, são responsáveis por transformações no modo de falar de uma comunidade.

O português brasileiro, por exemplo, se originou do português europeu que, por sua vez, se originou do latim. Foram tantas transformações, ao longo de tanto tempo, com tantos legados de outras línguas, que precisamos cogitar a possibilidade da interveniência de fatores sociais nestas transformações.

Pensando nisto, propomos uma pesquisa que estuda o uso do particípio na construção de formações verbais participiais no português do sul do Brasil. Mais especificamente, examina o fenômeno de substituição da forma regular do particípio por uma forma irregular, ou vice-versa, sob a possível influência de variáveis lingüísticas e extralingüísticas que podem interferir na aplicação da norma padrão de formação dos tempos compostos e da voz passiva nos dialetos do português brasileiro falado nas capitais do sul do Brasil.

Mesmo não tendo um caráter histórico, e tampouco tendo a pretensão de projetar uma linha evolutiva das transformações do particípio no português, seria extremamente difícil discorrer sobre o fenômeno em questão sem traçarmos um paralelo entre a norma padrão clássica e o uso efetivo da língua. Por este motivo, além de um breve estudo sobre a origem do particípio português, nossa pesquisa abordará questões como norma padrão, linguagem em uso, produtividade, hipercorreção e preconceito lingüístico.

Embora os particípios também carreguem características de adjetivo, por isso considerados formas nominais do verbo, a fim de centrarmos no foco principal da pesquisa, que são as formações verbais, e de evitarmos constantes interrupções explicativas, salientamos que a função dos particípios com que trabalharemos é sua função verbal em tempos compostos e voz passiva. Assim, as características adjetivas bem como as formações com gerúndio ou infinitivo poderão ser citadas apenas para fins de exemplificação ou comparação.

As gramáticas não são unânimes quanto à nomenclatura referente às formações com dois ou mais verbos. Enquanto algumas chamam de *perífrases verbais* a combinação de dois verbos, outras chamam de *locuções verbais*. No entanto, a maioria das gramáticas esmiúça a classificação, chamando de *tempo composto* a combinação dos verbos auxiliares *ter* ou *haver*

com um verbo principal no particípio e de *voz passiva* quando esta combinação ocorre com os auxiliares *ser* ou *estar*.

Buscando um melhor entendimento das situações que a partir de então serão analisadas, assumiremos como *formações verbais participiais* quaisquer combinações formadas por um verbo auxiliar e um verbo principal no particípio, subdividindo em *tempo composto* as formações com os auxiliares *ter* ou *haver* e em *voz passiva* as formações com os auxiliares *ser* ou *estar*. Desta forma, adotamos a seguinte estrutura de trabalho:

$$\text{Formações Verbais Participiais} \left\{ \begin{array}{l} \text{Tempo Composto (ter/haver + particípio)} \\ \text{Voz Passiva (ser/estar + particípio)} \end{array} \right.$$

Este trabalho está dividido em quatro capítulos, descritos a seguir.

O primeiro capítulo apresenta a pesquisa e está organizado em quatro seções, sendo elas, respectivamente, o objeto de estudo, os objetivos da pesquisa, as justificativas e as hipóteses.

O segundo capítulo apresenta a revisão teórica utilizada na fundamentação deste estudo e está dividido em duas seções. Na primeira seção, encontram-se estudos sobre o particípio, que têm por objetivo contribuir para o entendimento da regra de formação dos tempos compostos no português brasileiro. Na segunda seção, são apresentados alguns pontos de vista da gramática sobre as formações verbais participiais e discussões sobre o uso do particípio em situações reais de fala, preconceito, produtividade e hipercorreção, traçando-se um breve comparativo entre a norma e o uso do particípio.

No terceiro capítulo, encontra-se a descrição da metodologia utilizada na análise dos dados. Primeiramente, apresentamos a definição das variáveis, seguida da constituição da amostra, a qual é subdividida em duas unidades: amostra retirada do Banco de Dados do Projeto VARSUL e amostra retirada dos Testes de Produtividade. Encerrando o terceiro capítulo, apresentamos a análise e o tratamento dos dados das duas fontes, ambas analisadas com o auxílio dos programas computacionais do Pacote VARBRUL.

O quarto capítulo é dedicado à discussão dos resultados, momento em que serão analisadas as rodadas do programa computacional.

Ao final deste trabalho, encerrando o estudo, apresentamos as conclusões e as referências bibliográficas.

## **1 A PESQUISA**

### **1.1 OBJETO DE ESTUDO**

O objeto de estudo desta pesquisa é o particípio de verbos do português brasileiro falado nos dialetos do sul do Brasil.

### **1.2 OBJETIVOS**

#### **1.2.1 Objetivo Geral**

O objetivo geral da pesquisa é verificar o uso dos particípios regulares e irregulares em formações verbais, a partir de dados da fala das capitais do sul do Brasil, a saber: Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

#### **1.2.2 Objetivos Específicos**

Temos por objetivo específico verificar qual a forma mais produtiva/recorrente dos particípios em formações verbais, a fim de entendermos dois fenômenos: a) a inversão da distribuição das formas regulares e irregulares de particípio em formações de tempo composto e voz passiva; b) a criação de particípios irregulares para verbos que, segundo a Gramática Tradicional, apresentam exclusivamente particípio regular.

A partir daí, e com base nas teorias consultadas, nossa pesquisa se voltará para a tentativa de verificar a influência de fatores lingüísticos e extralingüísticos na opção do falante pelo uso da forma regular ou da irregular de particípio em situações de fala, envolvendo tanto verbos presentes no léxico do português, quanto verbos hipotéticos.

Ademais, devido ao escopo da pesquisa ser a língua em situações reais de fala, é importante confrontarmos o uso do particípio com as regras de aplicação prescritas na Gramática Tradicional brasileira para constatarmos se de fato está havendo um distanciamento entre o uso e a norma.

## **1.3 JUSTIFICATIVAS**

### **1.3.1 Justificativa Interna**

Uma das justificativas deste estudo é a constatação de que alguns falantes do dialeto do português falado no sul do Brasil estão optando por uma forma diferente de utilização do particípio nas formações verbais. Estes falantes têm demonstrando uma tendência ao uso do particípio irregular nos tempos compostos e, algumas vezes, do particípio regular na voz passiva, quando, segundo o que preconiza a Gramática Tradicional, a expectativa de distribuição dos particípios é exatamente a contrária, ou seja, o uso da forma regular nos tempos compostos e da irregular na voz passiva.

### **1.3.2 Justificativa Externa**

Acreditamos que este trabalho será relevante para a comunidade acadêmica ao ser capaz de incentivar novas pesquisas sobre o assunto, propiciando intertextualidade com trabalhos anteriores e posteriores, e fornecendo contribuição descritiva para a interface norma-uso.

Além disso, vislumbramos a possibilidade de nossa pesquisa vir a ser útil para o ensino do português por contribuir para a descrição da língua falada no sul do Brasil e sinalizar para uma nova orientação no ensino de língua materna – uma orientação que considera antes o uso do que os dogmas normativos.

## **1.4 HIPÓTESES**

Nosso estudo é direcionado pelas hipóteses que seguem.

1) Verbos de primeira conjugação são mais propensos a formações com particípio regular. Para formularmos esta hipótese, olhamos para o léxico do português (verbos de primeira conjugação não formam particípio exclusivamente irregular) e para a produtividade dos verbos de primeira conjugação (verbos novos, em geral, entram no português como verbos de primeira conjugação com particípio exclusivamente regular).

2) A classificação do verbo interfere na opção pela forma do particípio. Acreditamos que o fato de o verbo ser regular, irregular ou abundante esteja diretamente relacionado com a forma de particípio. Parece-nos que com verbos regulares, predomina o particípio regular, já

com verbos irregulares e abundantes, predomina o particípio irregular. Confirmando-se esta hipótese, será possível olhar para o particípio e dizer o tipo de verbo de que ele provém.

3) Os particípios regular e irregular são empregados, respectivamente, nas formações de tempo composto e voz passiva. A nosso ver, embora haja casos de alternância no uso dos particípios, a formação canônica de tempo composto e de voz passiva ainda é predominante no português falado no sul do Brasil.

4) A quantidade de sílabas do verbo influi na realização do particípio irregular. Ao que parece, os verbos monossílabos e dissílabos favorecem o uso do particípio irregular. Esta hipótese nos motivou, também, a criarmos verbos hipotéticos a fim de verificarmos se realmente a quantidade de sílabas do verbo interfere na escolha pela forma de particípio.

5) A tonicidade do contexto seguinte afeta a escolha da forma de particípio. Parece-nos que o fato de o contexto seguinte ser tônico favorece o uso do particípio irregular.

6) Os critérios de escolha da forma de particípio são idênticos tanto para verbos do léxico do português quanto para verbos hipotéticos. Esta hipótese se baseia no fato de que os verbos novos tendem a seguir o modelo de regularidade e produtividade dos verbos do léxico do português.

7) Falantes com um nível mais alto de escolaridade fazem maior uso do particípio irregular. Supomos que falantes que se detiveram por mais tempo ao estudo da gramática, incluindo modelos de conjugação de verbos irregulares e abundantes, tiveram mais contato com exemplos do padrão culto da língua e buscam mais, em sua fala, este modelo de correção lingüística proposto pelas gramáticas.

8) Falantes com um nível mais baixo de escolaridade preferem o particípio regular. Acreditamos que o fato de falantes com menos escolaridade não terem tido contato suficiente com os modelos irregulares a ponto de incorporarem-nos em sua fala cotidiana faz com que usem menos o particípio irregular.

Encerrando a apresentação das hipóteses, consideramos importante salientar duas observações: a) a variável *localização geográfica* foi considerada relevante para a delimitação da área de aplicação da pesquisa, porém, não acarretou uma hipótese específica para o fenômeno em estudo; b) hipóteses referentes à produtividade ou prestígio/desprestígio das formas de particípio, por possuírem um caráter por vezes bastante subjetivo e de difícil mensuração, serão oportunamente abordadas em forma de reflexão, não implicando hipóteses formais neste estudo.

## 2 REVISÃO TEÓRICA

Este capítulo tem por objetivo realizar uma comparação entre a norma ditada pela Gramática Tradicional do português, doravante podendo ser denominada GT, e o uso do particípio nas formações verbais em situações reais de fala. Para tanto, recorreremos a estudos sobre o particípio, na tentativa de entendermos como se deu sua trajetória desde o latim até a gramática do português atual, e estudos sobre a linguagem em uso, a fim de contrastarmos estes estudos e verificarmos o nível de correspondência entre a gramática padrão e a gramática do uso.

### 2.1 ESTUDOS SOBRE O PARTICÍPIO

#### 2.1.1 Particípio

O particípio é uma das formas nominais do verbo, com características de nome e de verbo, que chegaram ao português por herança do latim.

Em português, o particípio regular dos verbos de primeira conjugação é formado pela junção do sufixo *do* à vogal *a*, formando *ado* após o radical do infinitivo (*amado*, *parado*), e o particípio regular dos verbos de segunda e terceira conjugações é formado pela junção do mesmo sufixo à vogal *i*, formando *ido* após o radical do infinitivo (*vendido*, *sentido*).

Conforme dito na Introdução, embora não seja nosso objetivo fazer uma análise diacrônica do particípio português, consideramos relevante uma breve exposição histórica apenas com a finalidade de entendermos como esta forma verbal evoluiu do latim para o português e como se deu a gramaticalização de verbos plenos para uma forma auxiliar na constituição das formações verbais participiais. Vejamos o que diz Souza.

O particípio passado era ainda empregado em latim, juntamente com o auxiliar *esse* conjugado (ou não, no caso do infinitivo perfeito passivo), para formar também a voz passiva dos verbos de ação acabada, que compreendiam os seguintes tempos e modos: perfeito, mais-que perfeito e futuro perfeito do indicativo; perfeito e mais-que perfeito do subjuntivo e infinitivo perfeito. Foi mantido na língua portuguesa, tanto na conjugação passiva quanto na formação dos tempos compostos da ativa, com os auxiliares “ter” ou “haver” (SOUZA, S.d.).

Constatamos, segundo Souza [S.d.], que o latim deixou alguns legados ao português no que se refere ao particípio, dentre eles, a formação da voz passiva dos verbos de ação acabada através da junção do auxiliar *esse* (conjugado ou não) com o particípio passado. Esta

formação foi mantida no português, tanto para a voz passiva quanto para o tempo composto (com *ter* e *haver*), resultando, conforme exemplos de Souza, em formas como *é amado(a) / são amados(as), tenha sido amado(a) / tenham sido amados(as), tivesse amado / tivessem amado*.

Também ficaram as formações como *situação preocupante*, proveniente do particípio presente latino, porém, com valor exclusivamente adjetivo em português, e *dias vindouros*, proveniente do particípio futuro ativo, com função de adjunto adnominal. Souza acrescenta, ainda, o legado da substantivação de alguns particípios, visível em *gerente, ouvinte, futuro* e a própria palavra *legado*, dentre várias outras.

Souza cita mais algumas funções do particípio latino, inclusive algumas que não vingaram em português, mas que deixaram vestígios em formações como *Ela encontrou os filhos perdidos*, em que o particípio com valor de oração subordinada adjetiva poderia ser substituído pela oração equivalente *Ela encontrou os filhos que se perderam*, e *Resolvido o problema, recomeçaram o trabalho*, com característica de advérbio.

Para a autora, a formação da voz passiva com dois particípios, no português, se deu através de uma conversão de perífrases ativas provenientes do latim vulgar, que transformaria formas como *todos têm elogiado Pedro* em *Pedro tem sido elogiado por todos*.

Também é importante comentar a questão da abundância. Alguns verbos portugueses possuem apenas particípio irregular, como *pôr - posto, fazer - feito*, mas há os que possuem dois particípios, um regular e outro irregular, como *pagar - pagado e pago*. Estes verbos são denominados abundantes.

Encontramos no estudo de Lobato (1999) uma interessante exposição sobre a abundância de particípio em alguns verbos do português.

A autora diz manter-se inexplicada a existência de duas formas de particípio para o mesmo verbo, uma delas regular e arizotônica (com vogal temática verbal portadora de acento tônico) e a outra irregular e rizotônica (sem uso de vogal temática verbal e com acento sobre o radical), e apresenta os argumentos de Said Ali (1919/1966) para a rejeição da hipótese de que as formas irregulares devam ser consideradas reduções das regulares. Os argumentos de Said Ali, citados e compartilhados por Lobato, são:

- a) em termos diacrônicos, qualquer uma das duas formas pode preceder a outra. Às vezes, a forma regular parece ser a mais antiga (elegido/eleito) e, em outras vezes, parece ser a irregular a forma mais antiga (*absolutolabsolvido, defesoldefendido, divisoldividido, resolutolresolvido*);



- b) há casos em que não é possível explicar como a forma regular poderia ter dado origem à forma irregular, pois, na maioria das vezes, o vocábulo precede à criação do verbo e se incorpora à sua conjugação, a exemplo de *entregue/entregar*;
- c) o particípio irregular do verbo *pagar*, a forma *pago*, é exclusivo do português, visto que o latim transmitiu às línguas românicas apenas a forma regular *pacatum*.

A autora diz que “se não há relação derivacional entre as duas formas de particípio que um mesmo radical verbal gera, tem de estar havendo algum processo mais abstrato que leva à produção das duas” (LOBATO, 1999). Para ela, as duas formas de particípio têm formações independentes, e, portanto, uma não pode derivar da outra. Assim, o radical *salv*, por exemplo, gera *salvado* e *salvo*, não sendo possível dizer que *salvado* gera *salvo* ou que *salvo* gera *salvado*. Partindo deste pressuposto, deve-se, então, verificar quais os fatores que determinam a realização morfológica do particípio como arizotônico (regular) e/ou rizotônico (irregular).

De acordo com a gramática da língua portuguesa, os verbos podem ser divididos da seguinte forma quanto ao particípio:

- a) verbos que apresentam apenas particípio regular (arizotônico): *chamado*;
- b) verbos que apresentam apenas particípio irregular (rizotônico): *dito*;
- c) verbos que apresentam dois particípios, um regular e outro irregular: *pegado* e *pego*.

Assumindo que não há derivação de uma forma irregular a partir de uma regular e vice-versa, entendemos que se a língua é formada conforme a estrutura apresentada acima, sobre a qual os falantes, em princípio, não têm ingerência, então, é porque há algum tipo de informação subjacente na língua que determina esta realização.

Segundo Lobato (1999), estas informações subjacentes atuam no radical para a formação dos particípios, visto que há radicais verbais diferentes para cada classe de verbos e há verbos abundantes nas três conjugações do português (*aceitar*, *eleger*, *imprimir*). Dentre as informações, Lobato cita as regularidades fonológicas, verificadas pela relação *vogal temática x formação de particípio* e pela relação *contexto fonético x forma do particípio*.

Sobre a relação *vogal temática x formação de particípio* verifica-se que verbos de 1ª conjugação, com vogal temática *-a*, não formam particípios unicamente irregulares, embora possam formar particípios duplos (pagar - *pagado/pago*); assim, se os radicais que se associam à vogal temática *-a* têm de criar, obrigatoriamente, particípio regular, é porque há no radical alguma informação que desencadeie esta construção. Ainda, se somente os verbos de 2ª e 3ª conjugações podem formar particípios exclusivamente irregulares, é porque há algum tipo de relação entre as vogais temáticas *-e* e *-i* e as formas irregulares.

Soma-se a esta, a relação entre a vogal temática do radical verbal do infinitivo e a vogal projetada no particípio, que faz *er* virar *ido* (*eleger/elegido*) no particípio de verbos de 2ª conjugação, por exemplo. Considerando que não há restrição em português para *e* antes de *d* (*dedo, medo, cedo, arvoredo, vinhedo, passaredo etc.*), se *eleger* forma *elegido* e não *elegedo*, entende-se, mais uma vez, que deve haver alguma informação no radical que provoque esta formação.

Lobato (1999) apresenta mais alguns argumentos para a hipótese de que o radical verbal contém informações relevantes para a formação do particípio, a saber: a) certas formas de particípio podem dispensar o uso de vogal temática, mantendo basicamente o significado de particípio (ex.: *entregue*); b) o processo de formação irregular de 1ª conjugação geralmente deixa o radical intacto (ex.: *pago*), enquanto que as formações irregulares de 2ª e 3ª conjugações em geral alteram o radical (ex.: *escrever/escrito, cobrir/coberto*); c) informações relativas ao acento do radical podem desempenhar um importante papel na formação dos particípios.

O segundo tipo de regularidades distribucionais apontadas por Lobato na formação de particípios é a relação *contexto fonético x forma do particípio*.

[...] por exemplo, parece ser necessária a presença de certos sons na palavra resultante, para a formação de particípios duplos, em virtude de lacunas como: (14) *acatado/\*acato, começado/\*começo, estado/\*esto, falado/\*falo, terminado/\*termino, vendido/\*vendo/\*vento, [...]* (LOBATO, 1999).

Quanto ao fato de haver casos em que o mesmo radical verbal produz duas formas diferentes de particípio, Lobato diz que isto é admissível porque “os dois itens gerados para cada par não são sinônimos perfeitos, o que é demonstrado pela diferente escolha que fazem os auxiliares *ter, ser, estar*, na maioria dos casos” (LOBATO, 1999).

Do que foi visto em Lobato (1999), concordamos sobre a existência de informações subjacentes na estrutura morfofonológica dos participípios que é levada em conta na realização das formas participiais em português.

Apenas a título de complementação, citamos a explicação de Pagani (1994) para as formações de participípios duplos, embora seja ela de caráter mais sintático do que morfológico. Para o autor, na estrutura profunda o participípio pode se manifestar em duas posições diferentes; no entanto, na estrutura superficial, quando um verbo apresenta duas formas de participípio, a irregular é adjetival e a regular é verbal. Já quando o participípio apresenta uma única forma na estrutura superficial, ela assume a flexão nominal na voz passiva e é invariável no tempo composto.

### 2.1.2 Auxiliarização

Para a discussão da evolução das formações verbais participiais desde o português arcaico até os dias atuais, precisamos abordar não só os participípios, mas também os verbos que ajudam a construir estas formações.

Em *Vitórias de «ter» sobre «haver» nos meados do século XVI - Usos e teorias em João de Barros*, de 2002, Rosa Virgínia Mattos e Silva analisa a gramaticalização dos verbos *ter* e *haver*, constituintes dos tempos compostos.

Conforme os dados apresentados por Mattos e Silva (2002), desde 1500 o verbo *ter* suplanta o verbo *haver* em todos os contextos.

Ao discorrer sobre o tempo composto no período arcaico, Mattos e Silva (2002) encontrou abono em autores como João de Barros, Epiphânio Dias, Said Ali e Mattoso Câmara Jr., cujas opiniões eram de que neste período o tempo composto era formado de *ser* mais participípio passado de verbos não-transitivos e que a formação com o verbo *ter* só tenha começado a ocorrer no português moderno quando deixou de existir a concordância do participípio adjetival com seu complemento.

Segundo Mattos e Silva (2002), no século XIII, quando o português começa a ser documentado, *haver* é o verbo lexical pleno para qualquer tipo de posse; no entanto, no decorrer do período, *ter* começa a se expandir e excluir *haver* em certos contextos de posse, inclusive na formação dos tempos compostos - fenômeno que predomina até hoje no português brasileiro.

O fenômeno de auxiliarização de verbos plenos também foi discutido por Sueli Maria Coelho, em sua tese de doutorado, intitulada *Estudo diacrônico do processo de expansão lexical dos itens ter, haver, ser e ir na língua portuguesa*.

Coelho (2006) diz que verbos que hoje são auxiliares eram plenos outrora. Estes verbos foram, ao longo do tempo, perdendo conteúdo nocional e lexical e acabaram por se juntar a formas nominais (o particípio, por exemplo) para expressar funções gramaticais (função de auxiliar). Coelho diz, também, que a auxiliarização é apenas um dos estágios iniciais da gramaticalização e que estes verbos podem vir a se tornar até mesmo clíticos ou formas presas, como já ocorreu com o verbo *haver*, por exemplo, que diacronicamente se transformou no morfema de futuro do presente do indicativo.

Também fala da gramaticalização de verbos Érica Souza de Almeida, em sua dissertação de mestrado, intitulada *A formação de perífrases verbais no português: um processo diacrônico*, de 2006.

Em seu estudo, Almeida (2006) foca a formação das locuções verbais, ou perífrases, como denominam ela e outros autores, a partir da hipótese da gramaticalização de verbos plenos que perderam conteúdo semântico e lexical até se transformarem em meros elementos gramaticais. Este processo de gramaticalização foi identificado pela autora nos verbos *ter* e *haver* quando estes, ainda com conteúdo lexical pleno, passaram a auxiliar a formação dos tempos compostos, perdendo a posição nuclear para o particípio, que passou a ser o responsável pela predicação da sentença.

Segundo Almeida (2006), numa evolução diacrônica, desde o século XIII o verbo *ter* progressivamente passou a se colocar no lugar do verbo *haver*.

Um dos fatores apontados para a gramaticalização destes verbos foi sua polissemia, que acabou por provocar mudanças semânticas responsáveis por este processo. A isto soma-se o fato de que a concordância credita ao particípio uma noção [+Adj], haja vista a propriedade do adjetivo de concordar com o nome. Já quando o particípio passa a predicar a sentença, há uma mudança de classe e o particípio [+Adj] perde algumas propriedades sintáticas de adjetivo, adquirindo um traço [+V].

Encerrando esta breve explanação sobre a evolução dos particípios e das formações verbais participiais e diante das informações obtidas com a consulta aos estudos referidos, concluímos que o particípio passado latino foi o que melhor sobreviveu na língua portuguesa, mantendo características semelhantes às do latim, enquanto que as outras formas de particípio (presente e futuro) ou foram sendo substituídas ou se perderam completamente no português.

Sobre os verbos que apresentam participípios duplos, uma forma regular e outra irregular, concluímos que, sendo estas formas autônomas, ou seja, não havendo derivação de uma a partir da outra, deve haver alguma informação subjacente de caráter morfológico, fonológico e/ou sintático que licencie este tipo de construção.

As formações verbais participiais (*voz passiva* e *tempo composto*), por sua vez, são realizadas por meio de processos que se originaram no português arcaico e se mantêm até hoje, guardadas as devidas alterações semânticas (auxiliarização/gramaticalização).

Agora que já temos uma noção da origem do participípio e das formações verbais no português brasileiro, passamos para a análise comparativa entre a norma padrão apresentada nas gramáticas e o uso de fato.

## **2.2 ABORDAGEM DESCRITIVA *versus* ABORDAGEM NORMATIVA**

Iniciaremos a análise comparativa mostrando o modo como alguns gramáticos abordam o participípio e as formações verbais para depois analisarmos a realização destes elementos na língua falada. Começamos por Napoleão Mendes de Almeida.

### **2.2.1 Napoleão Mendes de Almeida**

Almeida (1982) classifica as formas nominais do verbo em infinitivo, gerúndio e participípio, e diz que são assim denominadas por poderem exercer função de nomes.

Ele explica que o participípio é geralmente terminado em *do* (*ado*, para a 1ª conjugação, e *ido* para as 2ª e 3ª conjugações), mas que a terminação pode variar nos verbos irregulares.

As formações com dois ou mais verbos são chamadas pelo gramático de *locuções verbais*, as quais exigem um verbo auxiliar ou porque o tempo é composto ou porque o verbo está na voz passiva. Esta, por sua vez, expressa uma ação sofrida ou recebida pelo sujeito e pode ser indicada ou pela conjunção de dois verbos (auxiliar + principal no participípio) ou pelo pronome *se*.

Neste momento, consideramos importante salientar que a voz passiva com que trabalharemos é a voz passiva analítica, construída com verbo auxiliar mais o participípio. A voz passiva sintética, construída com o clítico *se*, não foi considerada, obviamente, por não se configurar como nosso objeto de estudo. Embora algumas gramáticas postulem sinonímia entre as duas modalidades de voz passiva, para melhor delimitarmos nosso objeto de estudo

optamos por distingui-las e assumimos que há diferença estrutural entre a analítica e a sintética, visto que a primeira se forma com o particípio e a segunda com o clítico.

Sobre o tempo composto, Almeida (1982) diz que é formado com os auxiliares *ter* e *haver* e que neste caso o particípio fica invariável.

Segundo Almeida (1982), foi do particípio presente latino que o português herdou formas como *ante* para a 1ª conjugação, *ente* para a 2ª e *inte* para a 3ª conjugação. Este particípio perdeu o valor participial em português, tornando-se adjetivo (*amante, movente, constituinte* etc.) ou substantivo (*viajante, assistente, ouvinte* etc.). Já o particípio futuro ativo latino deixou vestígios em português ao formar adjetivos como *vindouro* e *matadouro*.

Sobre o particípio passado latino, Almeida diz:

938 – O próprio particípio **passado** latino somente era usado com sentido passivo, na conjugação da voz passiva, concordando sempre com o sujeito a que se referia. Em português, no entanto, onde se designa pelo simples nome de *particípio*, é usado também na voz ativa (tenho *amado*, havia *merecido*), notando-se que, no velho português, flexionava-se de acordo com a palavra a que se referia: “*Cartas que ele tinha escritas*” – “...*mercês* que este reino tem *recebidas*” – “...depois de ter *pisada* a *arcia* ardente”. Depois que, fenômeno operado do século XVI em diante, os verbos *ter* e *haver* se esvaziaram de sentido (§ 428), os particípios adquiriram sentido *ativo*, imobilizando-se na forma indeclinável, por muitos erroneamente chamada *supino*. Distintas são hoje as designações das frases “Eu tenho *escrito* cartas” e “Eu tenho cartas *escritas*”. (ALMEIDA, 1982, p. 555).

O gramático cita, também, o futuro passivo e o supino latinos. Do primeiro, ele diz que o gerundivo em latim também deixou vestígios em português, formando alguns adjetivos como *doutorando, memorando, vivenda, oferenda*, e outros, e, do segundo, em nota, diz que era outra forma nominal latina, que, no entanto, não deixou vestígios em português.

A respeito dos particípios depoentes, o que apontamos de Almeida (1982) é que quando certos particípios só podem ser conjugados na voz passiva, eles adquirem um sentido ativo do tipo *homem lido* = *o homem que lê muito*, em vez de ser *o homem cujas obras são lidas*.

### 2.2.2 Carlos Henrique da Rocha Lima

Passamos, agora, às definições de Lima (1996), para quem o particípio tem valor e forma de adjetivo por modificar os substantivos com os quais concorda.

Para Lima (1996), dos verbos que possuem dois particípios, aquele terminado em *ado* ou *ido* é o particípio regular, enquanto que aquele terminado na forma reduzida é o particípio irregular.

O autor destaca que a gramática clássica denominava o particípio, o infinitivo e o gerúndio como *formas infinitas*, em contraste com as *formas finitas* (indicativo, subjuntivo e imperativo) e que os autores modernos classificam como *formas nominais do verbo* ou *verbóides*.

Ele também lista os verbos que possuem somente particípio irregular (*abrir, cobrir, dizer, escrever, fazer, pôr, ver e vir*), dizendo que estes verbos jamais conheceram particípio em *ido*.

Da mesma forma que Napoleão de Almeida, Lima (1996) denomina como *locuções verbais* a conjugação de um verbo auxiliar e um principal na forma nominal e as divide em tempo composto e voz passiva.

### 2.2.3 Domingos Paschoal Cegalla

A configuração da *Novíssima gramática da língua portuguesa*, de Cegalla (1967), mostra que embora o gramático utilize classificações semelhantes às dos anteriores, ele expande um pouco mais suas explicações e exemplificações. Sobre as formas nominais, por exemplo, diz que além de carregarem em si funções de nomes e adjetivos, “enunciam simplesmente um fato, de maneira vaga, imprecisa, impessoal” (CEGALLA, 1967, p. 124).

Quanto aos verbos abundantes, Cegalla (1967) afirma se tratarem de variantes verbais mais comuns no particípio, geralmente em verbos transitivos, que junto da forma regular (fraca) possuem a forma irregular (forte), quase sempre proveniente do particípio latino.

Cegalla (1967) afirma que as formas irregulares de particípio são as preferidas na língua atual (entenda-se por *língua atual* o ano de 1967, data da edição da *Novíssima gramática da língua portuguesa*) e indica como possível motivo para a preferência o fato de as formas irregulares serem mais breves, ressaltando que algumas delas tanto se impuseram que acabaram fazendo cair em desuso as regulares, como, por exemplo, o caso de *ganho* e *pago*.

De acordo com Cegalla (1967), as *locuções verbais* ou *conjugações perifrásticas* são constituídas de um verbo auxiliar mais um verbo no gerúndio ou infinitivo. O autor não cita como *locuções verbais* as formações com verbo auxiliar mais o particípio, mas reserva espaço para estas formações nas explicações sobre os tempos compostos da voz ativa e da voz passiva, como segue:



- a) *tempos compostos da voz ativa* - formados pelos verbos auxiliares *ter* ou *haver*, mais o particípio do verbo principal (*tenho amado*);
- b) *tempos compostos da voz passiva* - formados pelos verbos auxiliares *ter* (ou *haver*) e *ser*, mais o particípio do verbo principal (*tenho sido amado*).

#### 2.2.4 Celso Cunha e Luís F. Lindley Cintra

Na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Cunha e Cintra (1985), o particípio é apresentado como uma das formas nominais do verbo, com propriedades de adjetivo e de verbo, cuja característica, assim como nas demais formas nominais, é não poder exprimir tempo nem modo.

Os verbos abundantes são apresentados como verbos que possuem duas ou mais formas equivalentes, as quais ocorrem, em geral, no particípio. É importante salientarmos que Cunha e Cintra tratam os particípios irregulares como uma “forma reduzida ou anormal ao lado da forma regular em *-ado* ou *-ido*” (CUNHA & CINTRA, 1985, p. 429).

Cunha e Cintra, nos mesmos moldes de outros gramáticos, apresentam inúmeros casos isolados de particípio irregular, e apresentam, também, uma lista de verbos cujos particípios regulares, outrora predominantes, estão sendo preteridos pelas respectivas formas irregulares (*ganhar*, *gastar*, *pagar*), chegando, em alguns casos, a substituir por completo a forma regular (*pagar*).

Quanto à estruturação da voz passiva e do tempo composto, Cunha e Cintra (1985) repetem as apresentações dos gramáticos já citados, restringindo-se a prescrever a regra de emprego dos particípios da seguinte forma:

- a) com os auxiliares *ter* e *haver*, para formar os tempos compostos da voz ativa;
- b) com o auxiliar *ser*, para formar os tempos da voz passiva de ação;
- c) com o auxiliar *estar*, para formar os tempos da voz passiva de estado.

#### 2.2.5 Celso Pedro Luft

Abordaremos, agora, a *Moderna Gramática Brasileira*, de Celso Pedro Luft, salientando que das gramáticas consultadas, esta é a mais atual, tendo sido editada em 2002.

Sobre o particípio, Luft (2002) salienta que quando esta forma atua como adjetivo, concorda com o substantivo, e quando atua como verbo, fica invariável. Ainda, apresenta a



estrutura dos participios regulares e irregulares (desinências e terminações) e seu emprego, ressaltando que a forma regular, utilizada com *ter* e *haver*, é [+ verbal], enquanto que a forma irregular, utilizada com *ser* e *estar*, é [+ adjetivo].

Luft diz que nas locuções verbais o verbo principal, núcleo da *locução verbal*, ocorre em uma de suas formas nominais (infinitivo, participio ou gerúndio) e que estas *locuções verbais* também são chamadas de *perífrases verbais*, *conjugações* ou *locuções perifrásticas*, *sintagma verbal* ou *frase verbal*.

Para finalizarmos a amostragem das gramáticas pesquisadas, apresentamos um quadro-resumo, a fim de obtermos uma visão panorâmica da abordagem dos gramáticos consultados sobre participios e formações verbais.

	Napoleão de Almeida	Rocha Lima	Cegalla	Cunha e Cintra	Luft
Participio	Forma nominal ambivalente	Tem valor e forma de adjetivo	Forma com significado verbal e de nome.  Dos participios irregulares, menciona a eventual suplantação de uma forma por outra na língua falada.	Acumula características de verbo e de adjetivo.  Emprega-se a forma regular nos tempos compostos e a irregular, de preferência, na voz passiva.	Adjetivo verbal.  A forma regular (verbal) costuma empregar-se com <i>ter</i> e <i>haver</i> ; a irregular (adjetiva) com <i>ser</i> e <i>estar</i> .
Locuções Verbais	Verbo auxiliar + outro verbo (principal)	Ter/haver = tempo composto Ser/estar = voz passiva	Verbo auxiliar + gerúndio ou infinitivo		Verbo auxiliar + outro verbo (principal)
Voz Passiva	Ser/estar + participio	Ser + participio	Freqüentemente formada por:  Ser + participio do verbo principal	Ser + participio = voz passiva de ação  Estar + participio = voz passiva de estado	Quando o sujeito sofre a ação, segundo se exprime com ser (estar, ficar, (v)ir...) + Participio ou pronome <i>se</i>
Tempo Composto	Ter/haver + participio	Auxiliar + forma nominal de outro verbo	Ter/haver + participio do verbo principal	Ter/haver + participio	

Quadro 1: Resumo da abordagem das Gramáticas

Analisando o quadro, percebemos grande semelhança no modo como são tratados pelos gramáticos os participios e as formações verbais.

Excetuando-se as raras aparições do termo “preferência”, no mais das vezes, as gramáticas seguem uma unanimidade ao definirem o particípio e prescreverem a forma como devem ser construídos os tempos compostos e a voz passiva.

### 2.2.6 Norma *versus* Uso

Agora que temos uma amostra do modo como as GT's consultadas estruturam e definem o particípio e os elementos que constroem as formações verbais, pretendemos realizar uma comparação entre a norma e o uso, ou seja, contrastarmos as regras da língua falada com as regras estabelecidas pelas gramáticas para o uso correto do particípio nas formações verbais. Entenda-se por língua falada, o que diz Tarallo:

[...] a língua falada a que nos temos referido é o veículo lingüístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face. Em suma, a língua falada é o vernáculo: a enunciação e expressão de fatos, proposições, idéias (o que) sem a preocupação com o como enunciá-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao como da comunicação (TARALLO, 1997, p. 19).

Em contraste à língua falada, deparamo-nos com a língua representada nas gramáticas. As gramáticas normativas, muito mais preocupadas com o suposto modelo de correção da língua literária escrita, relegam a linguagem coloquial a um plano inferior, em que estará sujeita a correções baseadas em textos literários.

Segundo Lyons (1981), não raro as gramáticas normativas condenavam (e ainda condenam) o uso coloquial à classificação de agramatical e desprovido de regularidade/sistematicidade pelo fato de não seguir à risca os moldes literários clássicos, como se na linguagem literária não ocorressem mudanças correspondentes às mudanças da língua falada no decorrer do tempo.

Para Lyons (1981), uma vez que qualquer língua escrita deriva de uma correspondente falada, e não o contrário, é de se supor que a língua falada é mais básica do que a escrita. Para reforçar esta proposição, apresenta quatro argumentos a seguir descritos.

- a) Prioridade histórica - não se conhece sociedade privada da capacidade da fala; entretanto, há inúmeras sociedades formadas por analfabetos, os quais mesmo privados da leitura e da escrita, têm na língua falada suprimento para uma comunicação efetiva.

- b) Prioridade estrutural - a língua escrita reflete a estrutura da língua falada a que corresponde, representando as combinações de sons, palavras e sentenças entendíveis nesta língua falada.
- c) Prioridade funcional - a língua falada tem prioridade sobre a língua escrita; a língua escrita é priorizada nas situações em que a língua falada não é possível.
- d) Prioridade biológica - embora seja possível um indivíduo aprender uma língua escrita, geralmente o ser humano tem um dom biológico que o faz pré-programado a aprender a língua falada naturalmente, enquanto que a língua escrita e outros tipos de linguagem são adquiridos sob treinamento específico baseado na língua falada.

Lyons (1981) argumenta, também, que não há isomorfismo absoluto entre uma língua falada e sua correspondente escrita, haja vista os sotaques e as entonações. Acrescentaríamos aqui o fato de que o léxico e as próprias estruturas dos diversos formatos de uma mesma língua (escrita, falada, gesticulada etc.) não permitem uma correspondência perfeita entre as diferentes formas desta língua, pois as regras de uma forma não correspondem perfeitamente às regras da outra. Partimos deste argumento para discutir o isomorfismo idealizado pelos gramáticos no que se refere às normas gramaticais das línguas escrita e falada.

Começamos analisando o que dizem ou recomendam as gramáticas analisadas no início da seção com relação ao particípio, em comparação ao que de fato ocorre com ele na língua falada.

O que se percebe ante o exposto na gramática de Napoleão de Almeida é que se trata de uma gramática prescritiva. Em grande parte dos conteúdos, o autor diz o que *deve* ser feito, o que é *correto*, o que *nunca* ou *jamais* deve ser feito, menciona as construções que são *erradas*, lista *erros* e os classifica conforme sua gravidade.

Em momento algum o autor abona alternâncias entre as formas regulares e irregulares de particípio numa mesma situação (*tinha imprimido / tinha impresso*); no entanto, é bem verdade que ele trata algumas poucas formas como *preferidas*, sem rotulá-las de *erradas*.

Almeida (1982, p. 295) refere como “formas hoje desusadas” ou “hodiernamente tendendo a sair da regra”, as seguintes: *ganhado*, *gastado*, *pagado*, *pegado* e *elegido*, e diz que são preferidas as formas irregulares correspondentes mesmo com os verbos *ter* e *haver*.

Cabe citar, aqui, o modo como Napoleão de Almeida costuma recomendar o uso de certas formas, apenas a título de ilustração: “Vejam as normas para o perfeito uso dessas duas formas participiais. Em regra geral, usa-se o particípio regular com os verbos *ter* e *haver*, ou seja, na voz ativa; o particípio irregular é usado com os verbos *ser* e *estar*, isto é, na voz passiva” (ALMEIDA, 1982, p. 293).

Poderíamos interpretar o termo “em regra geral” como uma licença de uso para as duas formas de particípio numa mesma situação, contudo, a generalidade a que Napoleão se refere está provavelmente mais relacionada ao fato de certos verbos não possuírem particípio regular do que com a possibilidade de alternância entre as duas formas de particípio dos verbos abundantes.

Quanto a Lima (1996), sua gramática, apesar de ser aparentemente mais flexível do que a de Napoleão de Almeida, também apresenta modelos de conjugações e prescrições do tipo *certos elementos não podem aparecer em certas circunstâncias*.

Com relação às recomendações que Lima faz sobre o uso do particípio, cabe salientar as seguintes: a) o particípio regular de alguns verbos é empregado com o verbo *ter*; e o particípio irregular, com *ter* e *ser* (*aceitar, eleger, salvar*); b) com outros verbos, o particípio regular é usado somente com *ter*; e o irregular com *ser*; c) na linguagem contemporânea só se usam os particípios irregulares *ganho, gasto* e *pago*, tanto com *ter* como com *ser*; d) em qualquer situação, o particípio de *pegar* é *pegado*.

Já Cegalla (1967) diz que as formas regulares de particípio são geralmente usadas com os verbos *ter* e *haver* e que as irregulares são usadas com os auxiliares *ser* e *estar*, porém, afirma que esta regra não é seguida rigorosamente, visto que não há uma distribuição perfeita destas formas na construção dos tempos compostos e da voz ativa. Em outras palavras, Cegalla abona formas como *tinha aceitado/aceito, tinha entregado/entregue; eram acesas/acendidas; foram inseridos/insertos*.

Cegalla não menciona esta alternância como uma forma errada; ao contrário, fala em preferência por certas formas em certas circunstâncias, admitindo que, às vezes, o uso faz com que uma forma suplante a outra e ainda considera indevida a condenação que impõem alguns gramáticos a certas formas de uso do particípio.

Sobre a gramática de Cunha e Cintra, nos baseamos em Mória (2004), professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que diz que muito embora esta gramática tenha servido de modelo inquestionável das normas do bem falar, alguns dos exemplos e textos usados simplificam demasiadamente certos fatos lingüísticos, não deixando espaço para a discussão de questões polêmicas.

Mesmo concordando com Mória, reconhecemos que na gramática de Cunha e Cintra nos deparamos, não raro, com o cuidado em apresentar alguns fatos mais como tendência ou sugestão de uso do que como uma prescrição, como no caso da recomendação para usar, *de preferência*, o particípio irregular na formação da voz passiva. Contudo, Cunha e Cintra não legitimam a substituição de uma forma pela outra, o que demonstra que ainda há uma forte tendência em negligenciar a possibilidade de alternância entre os particípios regulares e irregulares na língua falada.

Cunha e Cintra (1985) aceitam a criação de certas formas de particípio por analogia a outras formas, como no caso de *entregue/empregue*, porém, ainda deixam transparecer em sua gramática resquícios do formato prescritivo quando tratam, por exemplo, do verbo *imprimir*, para o qual apregoam o uso do particípio exclusivamente regular quando este verbo é usado com o sentido de *infundir*. Esta norma invalidaria uma expressão como *teria impresso maior velocidade*, absolutamente possível na língua falada do português brasileiro.

Além disto, muitas vezes Cunha e Cintra estabelecem uma forma de aplicação *correta* dos particípios de acordo com as vozes em que estão sendo usados, ignorando por completo a possibilidade de validar formas aplicadas em situações reais de fala.

Em suma, a impressão que se tem é que a gramática de Cunha e Cintra transita entre a prescrição de normas e a assunção do poder que a língua falada tem para validar novas formas de uso.

Na gramática de Luft (2002), a apresentação dos tópicos é um tanto diferente das outras gramáticas e os conceitos são mais econômicos.

Ao que se percebe, a gramática de Luft tem um caráter mais descritivo do que prescritivo, preferindo mostrar como a estrutura dos tempos compostos se apresenta na língua portuguesa e chamando a atenção para a função de cada módulo em vez de sugerir a forma correta de uso. No entanto, devido ao excesso de nomenclaturas, pode ser vista como uma gramática complexa. Considerando que dificilmente o falante terá consciência de todos os detalhes da formação do tempo composto e da voz passiva no momento da fala, nossa dúvida recai sobre a real utilidade de uma gramática nestes moldes para os estudantes.

Tendo em vista as gramáticas analisadas, não temos como fugir de duas indagações: será que as gramáticas espelham o real funcionamento da língua? Se não espelham, então qual é o papel da gramática?

Acreditamos que a resposta para a primeira indagação é *não*. Em geral, as gramáticas não espelham o real funcionamento da língua, com todas as suas nuances, variantes e possibilidades.

Tome-se como exemplo a classificação do particípio como uma das formas nominais do verbo. Qual o sentido de dizer que o particípio carrega características de nome e de verbo sem demonstrar sua aplicação e sua relevância nas duas situações? Esta é uma indagação de Almeida, compartilhada por nós.

Percebe-se, então, que as gramáticas tradicionais tanto as mais antigas quanto as mais recentes classificam o particípio como uma das formas nominais do verbo, que, além do valor verbal, pode desempenhar a função de nome. Mesmo assim, a distinção entre o particípio com função verbal ou nominal é tratada de forma superficial. É claro que, no português atual, nos tempos compostos da voz ativa, o particípio manifesta o seu valor [+verbo] e pode até, em alguns casos mais escassos, desempenhar um valor [+adjetivo] (ALMEIDA, 2006, p. 37 – 38).

As gramáticas, em geral, ainda carregam um papel normatizador e nivelador, e pouco contribuem para a percepção do verdadeiro papel da língua em todas as suas formas. Este papel não deveria ser excludente, e sim, unificador. Não deveria provocar aversão a aprender a língua padrão, e sim, gosto pela língua.

Móia (2004), ao trabalhar com dados sobre o particípio e as contradições das gramáticas tradicionais ao tratar este assunto, diz que os dados exigem uma visão não maniqueísta da norma e a aceitação da possibilidade de formas variadas de uso pelas gramáticas e dicionários.

Esta visão é compatível com uma possível hierarquização de preferências, a integrar nos dicionários (cf. uso da etiqueta *forma não preferencial* em HOUAISS) e gramáticas – e.g. “forma que tende a desaparecer”, “forma nova cujo uso já se difundiu, ou evidencia forte tendência para se impor”, “forma de uso pouco freqüente e difícil normalização”. Todos os aspectos devem ser equacionados, em prol de uma escolha informada do falante, nos casos de dúvida (MÓIA, 2004, p. 124).

Concordamos com Móia e acreditamos na necessidade urgente de revisão das gramáticas, as quais deveriam ter por objetivo principal o uso real da língua e não uma visão idealizada e distante da realidade da comunidade lingüística. “Em alguns casos, haverá necessidade de romper com um certo conservadorismo, injustificado, dos instrumentos em causa” (MÓIA, 2004, p. 124).

Móia argumenta, também, que a diferença entre o uso do particípio e o tratamento dado pelas gramáticas pode gerar problemas para o ensino da língua portuguesa como segunda língua.

Também discutem as implicações pedagógicas para o ensino de português como segunda língua Michael D. Powers, professor de português como segunda língua em Miami,

Flórida, e Marcin Wlodek, professor de Língua Portuguesa na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade de Oslo, pois ambos citam a dificuldade de ensinar português tendo de lidar com os tratamentos prescritivos existentes nas gramáticas do português.

Acrescentaríamos que a diferença entre o uso e a norma causa problemas não só para aprendizes de português como segunda língua, mas também para falantes nativos.

A regra de formação da voz passiva e do tempo composto, no português, diz que aos verbos *ser* e *estar* juntam-se as formas irregulares, e aos verbos *ter* e *haver* as formas regulares. Soma-se à regra uma lista de verbos de particípio duplo, presente em quase todas as gramáticas. Assim sendo, um falante nativo que produz frases como *A criança foi envolvida em um manto* ou *O devedor tinha pago a conta* estaria produzindo formas agramaticais, sem se levar em conta o comportamento de cada verbo. Por outro lado, ao produzir frases como *A criança foi envolta em um manto* e *O devedor tinha pagado a conta* estariam produzindo sentenças irretocáveis do ponto de vista estrutural, independentemente do padrão comportamental dos verbos *envolver* e *pagar*.

A questão crucial para a análise é que os verbos de particípio duplo não se comportam todos da mesma maneira, usando o particípio regular num caso e o particípio irregular no outro. Para cada um dos dois contextos relevantes, há uma gradação na tendência para o uso maior ou menor de um dos participípios. E registram-se mesmo tendências contrárias às generalizações das gramáticas: há verbos cujo particípio irregular tende a impor-se em todos os contextos (mesmo com *ter*) e há verbos cujo particípio regular tende a impor-se em todos os contextos (mesmo com *ser*). Em suma, as acentuadas diferenças de uso (para um mesmo contexto sintático) conduzem-nos necessariamente a tipologias não binárias, que os instrumentos de normalização linguística deveriam integrar (MÓIA, 2004, p. 117).

Pelo que vimos até agora, concluímos que há uma distorção entre o uso e a norma no que se refere aos participípios no contexto das formações verbais. O que postulam as gramáticas não é seguido à risca na fala, e, conseqüentemente, quem não segue a norma é estigmatizado. A partir desta conclusão, nos perguntamos se mais importante é a norma gramatical ou a fala numa comunicação fluida. E também, se seria possível ajustar a norma ao uso, ou pelo menos aproximá-los. Esperamos encontrar ao longo deste trabalho a resposta para ambos os questionamentos.

### 2.2.7 Preconceito Lingüístico

Com relação ao questionamento sobre a possibilidade de ajustar a norma ao uso, acreditamos que mesmo inconscientemente o falante busque este ajuste quando adapta sua



linguagem conforme a (in)formalidade da situação. Ocorre que, muitas vezes, esta adaptação ultrapassa os limites estipulados pela norma. Talvez a fuga do estigma possa ser um dos motivos que faz com que o falante busque tanto a perfeição lingüística a ponto de tentar ajustar o seu modo de falar ao que supõe ser a forma culta, prestigiada.

Este ajuste se faz em todos os níveis lingüísticos, podendo ocorrer tanto conscientemente, quando um falante intervém no discurso de outro para apresentarlhe um determinado padrão, seja de pronúncia, seja de uso de uma expressão determinada, como inconscientemente, quando o próprio falante tenta ajustar sua fala à de seus parceiros. Trata-se evidentemente de um processo de construção de identidade e de valor lingüístico [...] (BRITTO, 1997, p. 50).

O nível de consciência lingüística de um falante ou de um grupo de falantes pode interferir na valoração que é dada a certos eventos da língua. Em outras palavras, por razões sociais ou culturais, algumas formas que podem ser consideradas violações da norma culta, como *foi envolvido* ou *tinha chego*, quando têm como ponto de partida a fala de um indivíduo com um nível de escolaridade mais elevado ou uma situação econômica privilegiada, tendem a ser agregadas à norma culta.

Ao abordar o posicionamento das GT's sobre formações consideradas agramaticais, Britto diz que “se se trata de um traço lingüístico freqüente na fala de pessoas bem classificadas, caberia ao gramático descritivo anotá-las como próprias da norma culta falada. Gramaticalização, dentro do contexto em que se apresenta, tem de ser interpretada como *passar a ser admitida pela norma escrita*” (BRITTO, 1997, p. 61).

Tomamos um exemplo amplamente utilizado por vários lingüistas para ilustrar a questão do preconceito: as palavras *imexível* e *convivível* são neologismos formados a partir do mesmo processo (afixação em uma base verbal para formar um adjetivo); no entanto, a primeira, proferida por um ministro oriundo da classe operária, foi motivo de discussão em rede nacional, enquanto que a segunda, proferida pelo então Presidente da República, sociólogo e professor universitário, foi tratada com naturalidade e discrição.

Acrescentamos, ainda, exemplos retirados dos Testes que aplicamos a informantes universitários, que terão os resultados discutidos em capítulo específico, mas cujos dados podem ser mencionados neste momento apenas para fins de exemplificação.

Nos Testes, percebemos ocorrências de voz passiva formada com particípio regular e tempos compostos formados com particípio irregular, o que contraria a norma preconizada pelas gramáticas da língua portuguesa. Sabendo que os Testes foram aplicados em indivíduos de nível universitário, menos sujeitos aos estigmas lingüísticos, é possível deduzir que as formas por eles utilizadas têm chances bem maiores de serem aceitas um dia, e quem sabe até



gramaticalizadas, do que as formações realizadas pelos falantes do Banco de Dados do VARSUL, com nível de escolaridade mais baixo.

A condescendência de certos gramáticos pelos neologismos formados em um nível social mais elevado leva-nos a concluir que eles equacionam a gravidade do erro conforme o grau de instrução do falante, o que equivaleria a assumir que existem alguns erros mais errados do que outros.

Desta forma, seria preferível dizer *tinha chego*, forma comumente utilizada por universitários, do que *foi abrida*, forma verificada mais frequentemente na fala de pessoas com nível de escolaridade mais baixo.

Para Britto (1997), a linguagem é um fato social que pode variar de acordo com as circunstâncias em que é usada. Considerando que não usamos a mesma forma de expressão em todas as situações e que nos valemos de diferentes níveis de linguagem conforme a circunstância, podemos inferir que a linguagem tem de ser maleável para poder se adaptar às diferentes possibilidades de uso.

Labov (1972) aborda a questão da influência de fatores sociais na língua partindo do pressuposto de que a regra variável que está na fala tem *status* de regra gramatical e pode ser um índice de mudança na língua, através da influência de fatores lingüísticos e extralingüísticos, uma vez que as pressões sociais são determinantes na variação lingüística.

O ponto de vista do presente estudo é que não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança lingüística separada da vida social da comunidade na qual ela ocorre. Em outras palavras, pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente que atua no presente<sup>1</sup> (LABOV, 1972, p. 3).

Defendemos a importância do ensino formal de gramática, porém, reconhecemos a necessidade de atualização da Gramática Tradicional a partir dos dados teóricos e práticos obtidos através de pesquisas lingüísticas, ou seja, uma gramática baseada na análise das estruturas da língua literária, mas também nas estruturas da língua falada. Uma gramática capaz de reconhecer os limites de aplicação de cada regra e de conceber as novas formas lingüísticas como uma possibilidade de ampliação e enriquecimento da língua.

---

<sup>1</sup> The point of view of the present study is that one cannot understand the development of a language change apart from the social life of the community in which it occurs. Or to put in another way, social pressures are continually operating upon language, not from some remote point in the past, but as an immanent social force acting in the living present (LABOV, 1972, p. 3).

Britto (1997) diz que a ilusão de que existiria nas sociedades uma forma lingüística acabada que garantisse uma comunicação eficiente em todas as formas de interação se fundamenta em outras três ilusões: a) na de que uma língua ou uma variedade se impõe como melhor do que a outra; b) na de que se aprendem registros particulares desvinculados de conhecimentos e valores e das condições em que são realizados; c) na de que o estudo da gramática tradicional permite a expansão da capacidade de comunicação.

A ilusão da supremacia de uma variedade lingüística nos leva a um questionamento básico: quais critérios seriam levados em conta para se estabelecer a supremacia de uma das variedades? Talvez a existência de normas ou de regularidades seja um critério determinante para a superioridade da língua culta na opinião de alguns gramáticos que vêem a língua coloquial como desprovida destes elementos. Supondo que grande parte deles legitima a linguagem literária como a forma suprema, isto equivale a dizer que suas gramáticas concebem a língua falada como uma zona de caos, sem regras, sem regularidade, enfim, um abrigo para subversões lingüísticas.

Faraco (2002), ao abordar a questão do distanciamento entre a gramática escrita e a falada, faz uma interessante distinção entre as duas formas, denominando-as “norma culta” e “norma cultuada”. Neste trabalho, o autor traz à tona o preconceito dos letrados brasileiros desde o século XIX contra as mudanças na língua portuguesa falada no Brasil.

Segundo Faraco, já naquela época iniciou-se um processo de “esquizofrenia lingüística” e “síndrome do erro” que perdura até hoje, quando ainda é tomado como referência de correção “um modelo gramatical anacrônico, artificial e arbitrário, igualmente fixado no século XIX” (FARACO, 2002, p. 37).

O autor salienta, ainda, que embora tenha havido movimentos no sentido de promover um abasileiramento da língua falada aqui, seus defensores, dentre eles Gonçalves Dias e José de Alencar, praticavam outro tipo de preconceito: tentar legitimar a língua falada pela elite, ignorando a língua popular.

[...] a questão não se esgotava na contraposição do português de lá com o português de cá; havia que se resolver a diferença interna entre o português da elite e o português popular. O problema crucial que se levantava para esses intelectuais era como admitir o uso como critério de legitimação e a inevitabilidade da transformação das línguas e, ao mesmo tempo, manter o português popular excluído de qualquer legitimação (FARACO, 2002, p. 39).

Pelo que vemos em Faraco (2002), a ilusão da supremacia da língua ocorre não somente entre uma variedade e outra (escrita x fala) como também dentro de uma mesma

variedade (fala culta x fala popular), como se existissem diferentes níveis de prestígio dentro de cada modalidade.

Essa ilusão de supremacia está tão impregnada na sociedade que os indivíduos mais escolarizados buscam formar sua identidade lingüística usando a modalidade prestigiada no maior número de situações possível. “Quanto mais o indivíduo adquire consciência de seu papel na sociedade mais ele busca definir para si o estatuto de usuário da língua prestigiada, e cada vez mais pensa a língua como um meio de afirmar-se e identificar-se valoradamente” (NEVES, 2008).

O esforço para serem identificados como usuários da modalidade culta é tão grande que, por vezes, no afã de assegurar uma posição social de prestígio baseada no seu modo de falar, os usuários de determinada língua acabam recorrendo à criação de formas novas ou realizando correções excessivas em seu modo de falar.

### 2.2.8 Produtividade

Baseados, então, nesta capacidade que o falante de uma língua tem para formar palavras novas, tentaremos entender o que determina e como ocorre a criação de formas novas, ou seja, tentaremos descobrir se esta criação é aleatória e caótica ou se está baseada em regularidades, visto que ela se dá, inicialmente, na língua falada. Para tanto, propomos uma breve incursão pelo tema *produtividade*.

A criação de verbos novos, e até de formas novas de particípio para alguns verbos, pode ser observada em português na sua modalidade falada, onde é comum verificarmos a realização de novas formas verbais com base em modelos existentes em outros verbos da língua. Exemplos deste fenômeno são a criação dos verbos *deletar* e *logar* (termos com origem na área da informática) e a criação de particípios irregulares como *chego*, *fico* e *salgo* para os verbos *chegar*, *ficar* e *salgar*, verbos de particípio exclusivamente regular, de acordo com a gramática do português.

Acreditamos que estes fenômenos não acontecem por acaso e que a criação destas formas, além de ser um processo regular e sistemático, obedece aos padrões de produtividade do português. A produtividade pode ser definida como “uma capacidade CRIATIVA dos usuários da LÍNGUA de produzir e entender um número indefinidamente grande de SENTENÇAS” (CRYSTAL, 1985, p. 211).

Contudo, uma ressalva prévia é necessária: muitos lingüistas argumentam que a produtividade deve ser assunto para a derivação mais do que para a flexão, visto que os

processos flexionais são bem mais previsíveis do que os derivacionais, e, portanto, naturalmente produtivos. Katamba argumenta a favor desta tese, afirmando:

Ao contrário da derivação, a flexão é normalmente produtiva no sentido: (i) ela é geral. A adição de afixos flexionais particulares não está sujeita a várias restrições arbitrárias. Raízes que pertencem a certa classe normalmente recebem todos os afixos que pertencem àquela classe. (ii) As palavras resultantes da adição de afixos flexionais têm um significado regular e predizível<sup>2</sup> (KATAMBA, 1993, p. 80).

Katamba (1993) justifica sua afirmação dizendo que se um falante de inglês tivesse de conjugar um verbo hipotético como *pockle*, seria possível prever os morfemas flexionais que seriam utilizados para formar os padrões regulares desta conjugação, que resultaria em *pockle*, *pockles*, *pockled*, e assim por diante.

Em outras palavras, Katamba diz que os processos flexionais permitem inferências lógicas para formar padrões. Trazendo este conceito para o português, seria possível explicar por que os verbos novos *deletar* e *logar* e seus respectivos participios regulares *deletado* e *logado* seguem o padrão de produtividade do português, porém, não explicaria a criação dos participios irregulares *chego*, *fico* e *salgo*, verificados nos Testes.

Todavia, o próprio Katamba diz que se deve levar em conta que há exceções nas línguas.

Entretanto, embora usar a presença de paradigmas envolvendo dado afixo como uma regra para distinguir entre morfemas flexionais e derivacionais geralmente funcione, ela não produzirá resultados seguros. Isto porque, por um lado, há exceções nos processos flexionais e, por outro lado, há processos derivacionais que parecem cair em padrões paradigmáticos muito gerais<sup>3</sup> (KATAMBA, 1993, p. 81).

Mesmo concordando que a produtividade tem mais campo de discussão na derivação, preferimos acreditar que a criação de novos verbos e novas formas de participio em português esteja diretamente relacionada a padrões de produtividade.

---

<sup>2</sup> Unlike derivation, inflection is normally productive in the sense: (i) It is general. The addition of particular inflectional affixes is not subject to various arbitrary restrictions. Stems that belong to a given class normally receive all the affixes that belong to that class. (ii) The words resulting from the addition of inflectional affixes have regular and predictable meaning (KATAMBA, 1993, p. 80).

<sup>3</sup> However, although using the presence of paradigms involving a given affix as a rule of thumb for distinguishing between **inflectional and derivational morphemes** usually works, it will not unfailingly lead to safe results. This is because, on the one hand, there are exceptions to inflectional processes and, on the other, there are derivational processes which appear to fall into very general paradigm-like patterns (KATAMBA, 1993, p. 81).

Embora as formas regulares sejam comprovadamente mais produtivas do que as irregulares, temos a impressão de que tanto a criação de verbos novos com padrão regular quanto a criação de particípios irregulares como *chego*, *fico* e *salgo*, por exemplo, têm como objetivo implícito dar conta de novas situações e conceitos diretamente relacionados à busca da identidade lingüística citada anteriormente.

Acreditamos, também, que estas novas formas irregulares provavelmente tenham sido criadas por analogia a formas já existentes no léxico, como *pego*, *dito* e *salvo*, particípios irregulares dos verbos *pegar*, *dizer* e *salvar*.

As regras de formação que incidem sobre *chego*, *fico* e *salgo* são absolutamente plausíveis dentro do sistema lingüístico do português e muito semelhantes às regras que formam os particípios *pego*, *dito* e *salvo*. Em suma, não há qualquer tipo de violação referente à construção dos novos particípios nem mesmo no nível semântico, uma vez que estas novas formas irregulares incorporaram o significado das formas regulares, demonstrando o conhecimento lingüístico do falante de português e sua capacidade de formar palavras novas na língua.

No livro *Estruturas Lexicais do Português: uma abordagem gerativa*, Margarida Basilio apresenta uma consistente discussão sobre produtividade.

Basilio (1980) diz que o conhecimento que o falante tem de sua língua, a competência lingüística, não pode se resumir ao conhecimento de uma lista de itens do léxico, pois o falante nativo, além de conhecer a lista de entradas lexicais e as regras da língua, também é capaz de formar novas palavras.

Em suma, qualquer modelo da competência lexical de um falante nativo deve incluir tanto uma lista de itens lexicais como um sistema de regras que dê conta de sua capacidade de relacionar itens lexicais uns aos outros, analisar a estrutura interna desses itens e, naturalmente, formar novas palavras (BASILIO, 1980, p. 8).

Aronoff, ao tratar de produtividade, diz:

Se quisermos comparar a produtividade de duas RFP's (Regras de Formação de Palavras), podemos simplesmente fazer uma lista das palavras formadas pelos respectivos processos e adicioná-las à lista. Quanto maior a lista, mais produtiva a RFP. Uma objeção imediata a este método, entretanto, é que ele não é seguro: ele não leva em conta o fato de que há restrições morfológicas nos tipos de palavras que alguém pode usar como base de certas RFP's<sup>4</sup> (ARONOFF, 1976, p. 36).

---

<sup>4</sup> If we want to compare the productivity of two WFRs, we may simply make lists of the words formed by the respective processes and add them up. The longer the list, the more productive the WFR. An immediate objection to this method, however, is that it isn't fair: it doesn't take into account the fact that there are morphological restrictions on the sorts of words one may use as the base of certain WFRs (ARONOFF, 1976, p. 36).

Aronoff vai mais além, e considera a intuição do falante nativo um dos aspectos preponderantes na produtividade. “Esta intuição parece expressar a noção ‘probabilidade de ser uma palavra do vocabulário ativo do falante’, uma noção equivalente à produtividade<sup>5</sup>” (ARONOFF, 1976, p. 36).

Basilio (1980) explica que além das Regras de Formação de Palavras (RFP’s), o falante pode fazer uso de Regras de Análise Estrutural, que analisam a estrutura lexical das palavras da língua (RAE’s), e, ainda, regras de redundância<sup>6</sup>, para formar novas palavras com base em regras produtivas já existentes na língua. Estas últimas atuariam como um sistema de restrições a regras que bloquearia a formação de itens agramaticais redundantes e que também faria parte da competência do falante.

Todavia, as generalizações não dariam conta de formações relacionadas a regras consideradas, por alguns estudiosos, não produtivas no português, como a regra de criação de participios irregulares, por exemplo, o que mostra que nem sempre o sistema de bloqueio funciona.

Basilio se detém mais na análise de formação de palavras por derivação, já que considera a flexão plenamente produtiva pelo fato de as relações paradigmáticas serem bem definidas e sistemáticas, o que facilita a recuperação de radicais “mesmo quando estes não ocorrem como formas livres” (BASILIO, 1980, p. 70).

Neste trabalho de Basilio sobre produtividade, encontramos aspectos muito relevantes para nosso estudo. Por este motivo, retomaremos o tema no momento da discussão dos resultados. Antes, porém, gostaríamos de registrar outro importante tema abordado nos estudos sobre produtividade: a simplificação de formas duplas.

Embora esta simplificação se aplique mais às formas sinônimas, tentaremos adaptá-la ao caso dos participios duplos do português, supondo que, algumas vezes, a preferência pelas formas irregulares de participio pode indicar uma tendência geral da língua para eliminar as formas duplas quando elas não se encontram em distribuição complementar.

Em outras palavras, quando duas formas de participio de um mesmo verbo podem ocorrer nos mesmos contextos sem prejuízo ao significado, uma delas pode tender a desaparecer ou cair em desuso, como, por exemplo, o verbo *pagar*, que veio do latim para o português apenas com o participio regular *pacatum* e, no decorrer do tempo, teve seu participio regular suplantado pela nova forma irregular  *pago*, exclusiva do português.

---

<sup>5</sup> This intuition seems to express the notion ‘likelihood of being a word of the speaker’s active vocabulary’, a notion equivalent a productivity (ARONOFF, 1976, p. 36).

<sup>6</sup> Regras que permitem ao falante fazer generalizações com base em itens presentes no léxico.

Esta tendência à simplificação, que adaptamos para o uso do particípio, é explicada por Margarida Correia. Vejamos.

Um dos aspectos mais curiosos do componente lexical é a capacidade de ir eliminando toda a informação tida como redundante num determinado momento. Esta capacidade é particularmente visível no que respeita à gestão dos sinónimos existentes num dado momento. É um facto conhecido que os sinónimos estritos ou perfeitos\* (\* Para duas palavras serem consideradas estrita ou perfeitamente sinónimas, seria necessário que, além de pertencerem à mesma categoria, em todos os possíveis contextos em que pudesse ocorrer uma delas pudesse ocorrer a outra, sem que isso alterasse o sentido global da frase ou enunciado.) são praticamente inexistentes nas línguas naturais. Para se explicar este facto, é frequente referir-se que, se tais pares de palavras fossem frequentes, isso significaria uma multiplicação desnecessária do número de palavras armazenadas na memória, contrariando o **princípio da economia da língua**. Assim, se num dado momento é teoricamente possível a coexistência de um par de sinónimos perfeitos no sistema, na prática, o que acontece é que a relação de sinonímia desaparecerá rapidamente (CORREIA, 1995).

Embora saibamos que a produtividade lingüística possibilita e favorece a criação de novas formas verbais na língua, fica uma pergunta: por que as formas irregulares de particípio estão se tornando tão produtivas?

Para Câmara Júnior (1972), a formação de particípio irregular na língua portuguesa pode se dar pela persistência de particípios do latim clássico e do vulgar no português (*dito, escrito, vindo* etc.), ou pode ocorrer naturalmente dentro da própria língua, conforme segue:

- a) a partir de um adjetivo proveniente de particípio latino (*expresso* – adjetivo formado a partir do particípio do verbo latino *exprimere* que passa a originar o particípio irregular *expresso*);
- b) como particípio de um adjetivo cognato (*livre*, para *livrar*; *limpo*, para *limpar*);
- c) mediante o acréscimo da vogal de um tema nominal em *-o* ou *-e* ao radical verbal (*pago*, para *pagar*; *entregue*, para *entregar*).

Câmara Júnior (1972) argumenta que a formação de particípios irregulares (rizotônicos) é dinâmica e tende a crescer, pois, além de produtivas, elas obedecem a um padrão bem regular de formação. Devido a esta regularidade, o autor sugere que se evite chamá-las de irregulares.



### 2.2.9 Hipercorreção

Além da questão da produtividade, trabalhamos, também, com a possibilidade de ocorrência de um fenômeno de hipercorreção motivado por questões sociais, uma vez que as formas irregulares detêm o *status* de formas pertencentes ao léxico das pessoas com um nível sociocultural mais elevado. Assim, a fim de alcançar o mesmo *status*, alguns falantes acabam criando novos particípios irregulares, incorrendo, na maioria das vezes, num fenômeno de hipercorreção.

Segundo Crystal, a hipercorreção pode ser definida da seguinte forma:

Termo usado na LINGÜÍSTICA quando uma FORMA lingüística vai além do ponto estabelecido pela VARIANTE de LÍNGUA que o falante tem como meta. O fenômeno geralmente acontece quando os falantes de um DIALETO que não é o padrão tentam usar o dialeto PADRÃO e “vão longe demais”, produzindo uma versão que não existe no padrão. É o caso, no inglês, de colocar um /a/ longo no lugar de um /ae/ curto, nas palavras *cat*, *mat*, etc. Um comportamento analógico é encontrado no aprendizado de segunda língua. (CRYSTAL, 1985, p. 138)

Aceitamos, em parte, a definição de Crystal, à qual acrescentaríamos o fato de que a hipercorreção pode ocorrer não só quando um usuário de uma variante não padrão tenta usar uma variante padrão, como também quando um usuário da variante prestigiada se excede na correção do seu próprio modo de falar. Ocorre que, neste momento, o usuário também está numa relação de prestígio com o dialeto supostamente superior ao dele.

É bem verdade que a hipercorreção ocorre mais na fala de pessoas com menos escolaridade, porém, temos verificado, com certa frequência, a realização deste fenômeno na fala de pessoas em ascensão social. Situações como a da criação dos particípios irregulares para os verbos *chegar*, *ficar* e *salgar*, são um exemplo disto. É na classe de acesso ao ensino superior que é percebida mais frequentemente a ocorrência destas novas criações.

Concordamos com Moreno (*site Sua Língua*) quando ele diz que a hipercorreção atinge falantes tão preocupados com o correto uso do idioma, que na ânsia de serem identificados como usuários da língua culta acabam aplicando regras para corrigir o que não precisa ser corrigido.

Retomando Britto (1997), uma possível explicação para a criação dos novos particípios seria a tentativa do falante de se apropriar de uma variedade de fala supostamente superior a fim de desvincular sua imagem de um grupo social menos prestigiado.

Por sua forte motivação sociolingüística, as hipercorreções são mais encontradas na linguagem dos indivíduos em ascensão cultural, pois essa mudança



de lugar na pirâmide social implica uma inevitável tomada de consciência, por parte do falante, dos traços lingüísticos que caracterizavam a posição que ele ocupava anteriormente (MORENO, *site Sua Língua*).

Por ironia, a hipercorreção acaba causando no seu usuário o estigma que ele tanto procurou evitar, pois os *conhecedores da norma padrão*, que dominam a linguagem culta, prestigiada, geralmente acabam criticando esta correção exagerada, sem perceber que por trás da hipercorreção podem estar escondidas questões sociais.

O que vai caracterizar uma variedade lingüística como mais ou menos prestigiada ou como mais ou menos estigmatizada é o *grau de frequência* de determinadas *regras lingüísticas variáveis* (o que as pessoas em geral chamam de ‘erros’) que, na nossa sociedade, gozam de prestígio ou sofrem discriminação por parte dos falantes das variedades prestigiadas (aqueles que tradicionalmente são chamados de ‘cultos’) (BAGNO, 2005).

Em suma, a hipercorreção estaria relacionada ao preconceito lingüístico na medida em que é praticada com a finalidade de preterir uma forma de falar supostamente desregrada em favor de outra forma, a culta, regrada, sistemática e prestigiada.

Este comportamento é muitas vezes corroborado por aqueles gramáticos tradicionais que classificam a língua falada como modalidade inferior, os mesmos gramáticos que tentam impingir um modo de falar baseado em modelos literários escritos, conforme vimos no início desta seção.

### 3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesta pesquisa é a análise quantitativa de dados.

Nosso *corpus* é constituído de dados de duas naturezas: dados provenientes de entrevistas do Projeto VARSUL e dados provenientes de Testes de Produtividade.

O Banco de Dados do Projeto VARSUL é formado a partir dos dados coletados por Leda Bisol, em 1981, tendo em vista sua tese de doutorado.

Os dados retirados do VARSUL foram utilizados por caracterizarem o uso, na fala espontânea, do objeto pesquisado. Já os Testes têm por objetivo levantar usos específicos do participípio irregular, o que dificilmente seria alcançado nas entrevistas do VARSUL.

Iniciamos a descrição da metodologia apresentando a definição das variáveis, comuns às duas fontes de dados. Em seguida, descrevemos os dados retirados do Banco de Dados do VARSUL e dos Testes. Por fim, descrevemos a análise e o tratamento dos dados.

#### 3.1 DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS

Esta pesquisa visa a verificar o uso do participípio. Esse uso se mostra, no mais das vezes, alternante, porém, algumas vezes, manifesta-se como variável.

A alternância é verificada na distribuição complementar das formas de participípio, quando os falantes alternam seu uso na realização do tempo composto e da voz passiva (*tinha eleito* ou *foi eleito*). Já o uso de duas formas num mesmo contexto (*tinha elegido/tinha eleito* ou *foi elegido/foi eleito*), caracterizaria a variação; no entanto, tal variação não é o foco de nosso estudo neste momento.

Nesta seção, apresentamos a variável dependente e as variáveis independentes possivelmente relevantes para a nossa análise.

##### 3.1.1 Variável Dependente

A variável dependente é o uso do participípio irregular dos verbos na formação dos tempos compostos e da voz passiva no português brasileiro.

Variável dependente < o uso do participípio irregular >

Variantes { Participípio regular  
Participípio irregular

### 3.1.2 Variáveis Independentes

#### 3.1.2.1 Variáveis Independentes Lingüísticas

Considerando nossa primeira hipótese, *verbos de primeira conjugação são mais propensos a formações com participio regular*, propomos a análise da interferência da conjugação verbal na realização de formações verbais participiais.

**Conjugação do Verbo** { ar – 1ª conjugação (*dar*)  
er – 2ª conjugação (*dizer*)  
ir – 3ª conjugação (*abrir*)

Nossa segunda hipótese propõe que *a classificação do verbo interfere na opção pela forma do participio*. Neste sentido, torna-se necessária a análise do papel da classificação dos verbos, de acordo com a Gramática Tradicional, na aplicação do participio irregular.

**Classificação do Verbo** { Regular (*chegar*)  
Irregular (*eleger*)  
Abundante (*imprimir*)

A terceira hipótese proposta prevê que *os participios regular e irregular são empregados respectivamente nas formações de tempo composto e voz passiva*. Com este grupo de fatores, se verifica se os verbos que formam a voz passiva ou o tempo composto selecionam a forma de participio determinada pela gramática.

**Formação com o Verbo** { Tempo Composto { Ter (*tem feito*)  
Haver (*havia pedido*)  
Voz Passiva { Ser (*foi eleito*)  
Estar (*está aberta*)

Para verificar se *a quantidade de sílabas do verbo influi na realização do participio irregular*, nossa quarta hipótese, faz-se necessária a análise da classificação silábica do verbo.

**Classificação Silábica do Verbo** {  
 Monossílabo (*ver*)  
 Dissílabo (*caber*)  
 Trissílabo (*atentar*)  
 Polissílabo (*apavorar*)

Encerrando as variáveis lingüísticas, propomo-nos a examinar nossa quinta hipótese, *a tonicidade do contexto seguinte afeta a escolha da forma de particípio*. Para isso, é preciso verificar o papel que tem a tonicidade do contexto seguinte para a seleção da forma de particípio.

**Tonicidade do Contexto Seguinte** {  
 Tônico (*fui agraciado como*)  
 Átono (*tinha chego atrasada*)  
 Vazio (*deve ter feito.*)

Embora não tenha acarretado uma variável a ser medida, cabe retomarmos a hipótese de que *os critérios de escolha dos particípios são os mesmos tanto para verbos presentes no léxico do português quanto para verbos hipotéticos*, a fim de justificarmos a submissão dos dados das duas fontes, VARSUL e Testes, ao mesmo tratamento de análise quantitativa.

### 3.1.2.2 Variáveis Independentes Extralingüísticas

Variáveis sociais, apesar de não serem relevantes para a caracterização de alternâncias, serão verificadas aqui, visto que nosso foco é o uso.

Apontamos como fatores extralingüísticos relevantes para a análise dos dados de informantes provenientes do VARSUL a *escolaridade* e a *localização geográfica*.

A relevância da escolaridade é uma das nossas hipóteses mais importantes, pois acreditamos que a preferência por particípios irregulares seja predominante em falantes com nível mais alto de escolaridade.

Considerando que o Banco de Dados do VARSUL nos forneceu dados de informantes com escolaridade menor e que os Testes foram aplicados a informantes com escolaridade maior, temos, para este grupo de fatores, duas hipóteses: a) *falantes com um nível mais alto de escolaridade fazem maior uso do particípio irregular*; b) *falantes com um nível mais baixo de escolaridade preferem o particípio regular*.

**Escolaridade** { Até 4 anos de escolaridade (até 4ª série do Ensino Fundamental  
De 8 a 11 anos de escolaridade (da 8ª série ao 3º ano do Ensino Médio)

Conforme explicitado em 1.4, apesar de não haver hipótese relacionada à variável *localização geográfica*, resolvemos examinar as cidades eleitas porque nosso objetivo é descrever o uso do particípio nas capitais do sul do Brasil, porém, ressaltamos que a referida variável será considerada exclusivamente para os dados provenientes do Banco de Dados do VARSUL, visto que os Testes foram aplicados apenas a indivíduos residentes na região de Porto Alegre.

**Localização Geográfica** { Porto Alegre  
Curitiba  
Florianópolis

## 3.2 CONSTITUIÇÃO DAS AMOSTRA - *Corpora*

### 3.2.1 Amostra Retirada do Banco de Dados do VARSUL

O objetivo principal da utilização dos dados retirados do Banco de Dados do Projeto VARSUL é a verificação do uso do particípio na fala espontânea de indivíduos do sul do Brasil com até onze anos de escolaridade.

#### 3.2.1.1 População

A população é formada por sujeitos monolíngües, falantes de português brasileiro, nascidos em Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

#### 3.2.1.2 Composição da Amostra

A amostra utilizada para a verificação do fenômeno proposto foi retirada do Banco de Dados do Projeto VARSUL e é composta por 24 informantes, sendo oito oriundos de Porto Alegre, oito de Florianópolis e oito de Curitiba.

As células são formadas, em cada uma das três regiões, a partir da variável *escolaridade*, dividindo-se em quatro informantes com até quatro anos de escolaridade e quatro informantes com até onze anos de escolaridade.

Os dados que formam o Banco VARSUL foram obtidos através de entrevistas constituídas por perguntas que permitiam ao informante falar livremente sobre diversos assuntos, alcançando-se, desta forma, contextos fonológicos variados de fala vernácula espontânea, tendo em vista futuras análises.

Estas entrevistas individuais têm uma média de duração de sessenta minutos cada uma e foram aplicadas a informantes de três estados: Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina.

### 3.2.1.3 Coleta de Dados

Os dados coletados no Banco de Dados do Projeto VARSUL foram retirados das transcrições impressas das entrevistas de informantes das regiões de Porto Alegre, Curitiba e Florianópolis.

A audição das gravações foi descartada, uma vez que para esta pesquisa a transcrição das entrevistas foi suficiente para a obtenção dos dados.

Concomitantemente à leitura das entrevistas, foram feitos os registros dos contextos de ocorrência das formações a serem estudadas.

Cabe salientar que foram ignoradas outras utilizações da forma de particípio, tais como tempo composto formado por outros verbos auxiliares que não os verbos *ter* e *haver* ou por outras formas nominais, como o gerúndio.

## 3.2.2 Amostra Retirada dos Testes de Produtividade

O objetivo principal da aplicação de testes e entrevistas nesta pesquisa, conforme dito na introdução da seção, é levantar usos específicos do particípio irregular, como a criação de formas novas, por exemplo, diferentes da simples substituição de uma forma regular por uma irregular.

Ultimamente, tem-se observado o uso de uma formar irregular para verbos como *chegar*, por exemplo, que é um verbo não-abundante, e, segundo a norma, de particípio exclusivamente regular, mas que tem formado expressões como *tinha chego*. Estas novas formações estão sendo frequentemente utilizadas no meio acadêmico, na mídia, e, inclusive,

em formas escritas. Alguns exemplos do uso desses participípios na linguagem escrita da Internet podem ser verificados no ANEXO 5, ao final do trabalho.

Assim como o verbo *chegar*, outros verbos não-abundantes têm sido alvos desse uso. Embora ainda soem um tanto estranhas, não é mais surpreendente ouvir expressões como *eu tinha trago o disquete* ou *eu tinha fico até mais tarde*.

Como a criação destes novos participípios irregulares está sendo observada mais comumente em pessoas com um nível de escolaridade mais alta, foram aplicados testes e entrevistas elaborados especificamente para a análise deste fenômeno em indivíduos com ensino superior completo ou em andamento, com vistas à obtenção do *corpus* para esta análise.

### 3.2.2.1 População

A população é formada por sujeitos monolíngües, falantes de português brasileiro, estudantes de Instituições de Ensino Superior da região metropolitana de Porto Alegre.

### 3.2.2.2 Composição da Amostra

A amostra dos Testes é composta por 22 informantes selecionados pelo critério *nível de escolaridade de ensino superior completo ou em andamento*.

### 3.2.2.3 Constituição dos Testes

Os Testes, que constam em anexo, foram elaborados de forma a possibilitar respostas com realização de participípio em formações de tempo composto e voz passiva.

Cada questão dos Testes é constituída de duas frases, uma contendo a forma regular do participípio, e a outra, a forma irregular.

Além de questões com verbos do português, há questões contendo verbos hipotéticos, os quais foram formulados de modo a apresentar um padrão fonotático<sup>7</sup> semelhante ao de verbos comuns no português brasileiro, como, por exemplo, o verbo hipotético *sajar*, cujas possibilidades de participípio eram *sajado* e *sajo*.

---

<sup>7</sup> Termo usado na Fonologia para indicar combinações específicas (ou “comportamento tático”) de sons e fonemas de uma língua. (CRYSTAL, 1985, p. 117).

VERBOS DO LÉXICO	VERBOS HIPOTÉTICOS
Aprender	Catender
Benzer	Minzer
Colorir	Casorir
Conter	Gorber
Desfazer	Divacer
Mastigar	Detigar
Ouvir	Tovir
Pingar	Bongar
Podensir	Consentir
Rebolar	Petolar
Salvar	Sajar
Tingir	Zinbir

Quadro 2: Verbos que inspiraram os verbos hipotéticos

Os verbos hipotéticos foram distribuídos da seguinte forma: dois verbos dissílabos e dois trissílabos para cada uma das três conjugações do português, *ar*, *er* e *ir*.

#### 3.2.2.4 Coleta de Dados

Os dados coletados foram retirados das transcrições das entrevistas aplicadas aos informantes.

Para a aplicação, os informantes eram convidados a ouvir frases que continham duas alternativas de particípio, uma regular e uma irregular, e, após a audição, optavam por uma das formas.

### 3.3 ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS

Para a análise estatística e probabilística dos dados dos *corpora*, fizemos uso adaptado dos programas que compõem o Pacote VARBRUL.

Os programas do Pacote fornecem dados referentes à porcentagem de aplicação de uma regra e ao peso relativo. Considerando que nossa pesquisa não trata de um fenômeno tipicamente variável, mas sim que sugere alternância, optamos por aproveitar somente as informações referentes à frequência (porcentagem) de aplicação da regra em estudo: o uso do particípio irregular.

As etapas preliminares à submissão dos dados aos programas foram: preparação, digitação e codificação dos dados.



Concluídas as etapas iniciais, os dados foram submetidos à análise computacional de programas do Pacote VARBRUL até o nível da análise unidimensional, que fornece as porcentagens, uma vez que dados referentes a peso relativo devem ser usados preferencialmente para fenômenos de variação.

## 4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo apresentamos os resultados da análise quantitativa em termos de percentuais para os dados obtidos com os informantes do Projeto VARSUL e dos Testes de Produtividade.

Iniciamos a apresentação dos resultados mostrando o gráfico geral, segundo o qual constatamos que os informantes do VARSUL utilizaram mais o particípio regular, enquanto que nos Testes, a diferença entre o uso do particípio regular e do irregular foi menor. Os informantes dos Testes utilizaram o regular e o irregular quase que na mesma proporção.

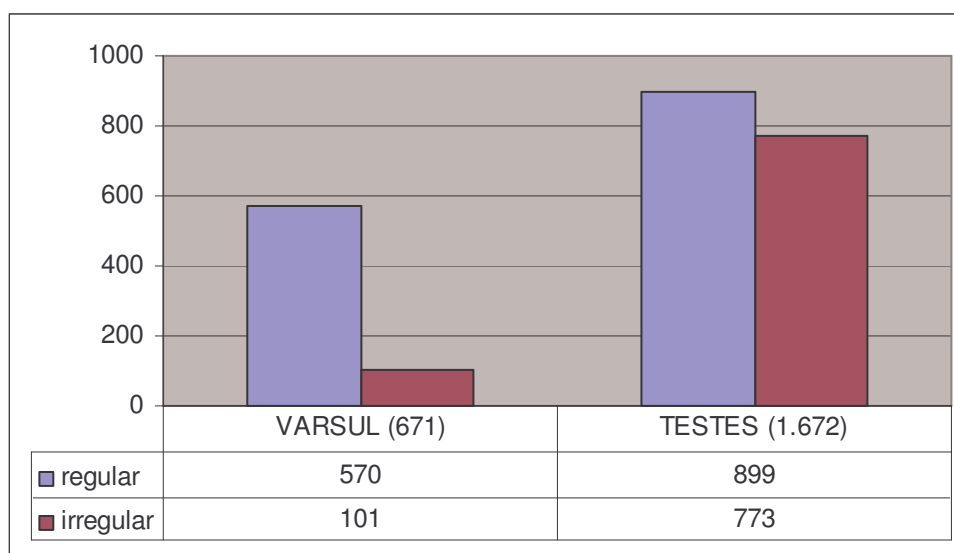


Gráfico 1: Distribuição dos participios nos dados do VARSUL e dos Testes de Produtividade

Nas seções seguintes, serão analisados respectivamente os dados do VARSUL e dos Testes de Produtividade.

### 4.1 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DOS DADOS DO VARSUL

A amostra dos dados do Projeto VARSUL apresentou 671 ocorrências de particípio, das quais 101 foram de particípio irregular, conforme mostra o gráfico 1, em termos de percentuais.

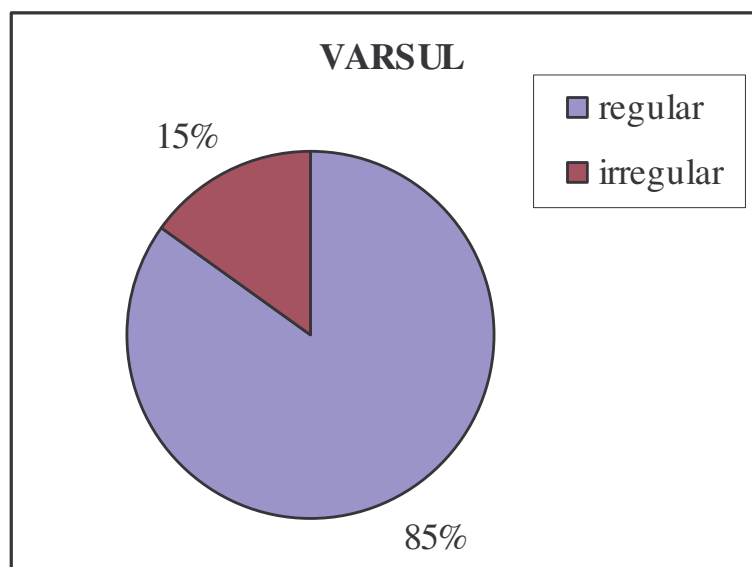


Gráfico 2: Distribuição dos participios nos dados do VARSUL

Visto o gráfico, passemos para a análise da distribuição das variáveis propostas sobre o uso do participio irregular.

TABELA 1  
Distribuição da *conjugação do verbo* sobre o uso do participio irregular

Fatores	Frequência
1ª Conjugação – <i>ar</i> <i>Dar</i>	16/430 = 3%
2ª Conjugação – <i>er</i> <i>Dizer</i>	78/152 = 51%
3ª Conjugação – <i>ir</i> <i>Abrir</i>	7/89 = 7%
TOTAL	101/671 = 15%

A Tabela 1 mostra que houve apenas 3% de aplicação do participio irregular com verbos de 1ª conjugação. Considerando-se que a maioria dos verbos regulares do português é de 1ª conjugação, este resultado, de certa forma, era esperado.

Para os verbos de 2ª e 3ª conjugação era esperado um percentual mais elevado, pois há mais verbos de participio irregular e abundante nestas conjugações.

Verbos de 2ª conjugação como *fazer*, *eleger*, *escrever* e *ver*, com alta ocorrência nos dados do VARSUL, contribuíram para a alta porcentagem de aplicação.

Dos verbos de 3ª conjugação, os 7% de particípio irregular empregados estão relacionados aos verbos *abrir*, *restringir* e *vir*. Os outros verbos de 3ª conjugação tinham todos particípio regular.

A partir dos dados da Tabela 1, é possível dizer que está confirmada a hipótese de que *verbos de primeira conjugação são mais propensos a formações com particípio regular*.

TABELA 2  
Distribuição da *classificação do verbo* sobre o uso do particípio irregular

Fatores	Frequência
Regular <i>Chamar</i>	15/515 = 2%
Irregular <i>Dizer</i>	62/129 = 48%
Abundante <i>Eleger</i>	24/27 = 88%
TOTAL	101/671 = 15%

O uso do particípio irregular com verbos regulares foi de 2%. Deste dado, infere-se que a criação de particípios irregulares para verbos regulares foi mínima nos dados do VARSUL. O índice de 2% deve estar relacionado a verbos que são regulares, mas têm particípio irregular, como *escrever* e *abrir*, por exemplo.

No que se refere à hipótese de que *a classificação do verbo interfere na opção pela forma do particípio*, os dados demonstram que está confirmada, pois com verbos regulares, foi preferido o particípio regular, e com verbos irregulares e abundantes, foi preferido o particípio irregular.

TABELA 3  
Distribuição da *formação com o verbo* sobre o uso do particípio irregular

Fatores	Frequência
Ter / Haver <i>tem feito / havia pedido</i>	35/188 = 18%
Ser / Estar <i>foi eleito / está aberta</i>	66/483 = 13%
TOTAL	101/671 = 15%

Antes da análise da Tabela 3, cabe salientar que houve apenas três ocorrências do verbo *haver* nos dados do VARSUL, o que nos levou a amalgamar os verbos *haver* e *ter*.

A baixa utilização do verbo *haver* corrobora os estudos de autoras como Almeida (2006), Mattos e Silva (2002) e Souza [S.d.], as quais afirmam que *ter* suplanta *haver* desde o português arcaico, conforme apresentado na Revisão Teórica.

Sabendo que a GT estabelece que o tempo composto é formado com o particípio regular e a voz passiva com o particípio irregular, percebemos, pelos dados da Tabela 3, que, na maioria das vezes, esta norma foi seguida.

Todavia, deve-se mencionar que 18% dos informantes aplicaram particípio irregular no tempo composto (com *ter* e *haver*). Considerando que, com exceção de uma ocorrência de *chego*, no mais não foi verificada a criação de novas formas irregulares de particípio nos dados do VARSUL, e considerando, também, que os verbos abundantes tiveram uma baixa aplicação em tempo composto, deduzimos que os 18% de aplicação do fenômeno estão relacionados a verbos de particípio exclusivamente irregular, como *fazer* e *ver*.

Na voz passiva, se espera maior uso de particípio irregular. Este uso é legitimado pela GT; no entanto, nos dados do VARSUL, houve uma razoável ocorrência de verbos regulares com particípio exclusivamente regular (não abundante), o que justifica o baixo índice de aplicação na voz passiva.

Com relação à hipótese de que *os particípios regular e irregular são empregados respectivamente nas formações de tempo composto e voz passiva*, acreditamos estar confirmada nos dados do VARSUL.

TABELA 4  
Distribuição da *classificação silábica do verbo* sobre o uso do particípio irregular

<b>Fatores</b>	<b>Frequência</b>
Monossílabo / Dissílabo <i>Dar / Fazer</i>	81/239 = 33%
Trissílabo / Polissílabo <i>Alterar / Esclarecer</i>	20/432 = 4%
<b>TOTAL</b>	<b>101/671 = 15%</b>

De acordo com os dados da Tabela 4, é possível concluir que os verbos monossílabos e dissílabos favoreceram o uso do particípio irregular, indicado pelos 33% de ocorrência do irregular contra apenas 4% de uso nos verbos trissílabos e polissílabos. Há que se considerar, contudo, que os verbos monossílabos contaram para este percentual por terem sido

amalgamados com os dissílabos, ou seja, nestes 33%, estão incluídos verbos como *fazer* e *ver*, com alta ocorrência. O verbo *fazer* foi um dos mais empregados pelos informantes, totalizando 44 das 81 ocorrências do particípio irregular no total de verbos monossílabos e dissílabos.

Ao que parece, a hipótese de que *a quantidade de sílabas do verbo influi na realização do particípio irregular* foi confirmada devido ao fato de os verbos monossílabos e dissílabos favorecerem a aplicação do particípio irregular.

TABELA 5  
Distribuição da *tonicidade do contexto seguinte* sobre o uso do particípio irregular

<b>Fatores</b>	<b>Frequência</b>
Átono / Vazio <i>têm reclamado assim / deve ter feito.</i>	31/279 = 11%
Tônico <i>fui agraciado como / foi eleito antes</i>	70/392 = 17%
<b>TOTAL</b>	<b>101/671 = 15%</b>

O que nos mostra a Tabela 5 é que a variável *tonicidade do contexto seguinte* não tem um papel relevante na escolha pelo particípio irregular nos dados do VARSUL, pois, em qualquer dos contextos (tônico, átono ou vazio), o uso do irregular foi inferior a 20%.

A seguir, analisamos na Tabela 13 a distribuição do nível de *escolaridade* na aplicação do particípio irregular, medido exclusivamente nos dados do VARSUL.

TABELA 6  
Distribuição da *escolaridade* sobre o uso do particípio irregular

<b>Fatores</b>	<b>Frequência</b>
Até 4 anos de escolaridade (até 4ª série do Ensino Fundamental)	42/311 = 13%
De 8 a 11 anos de escolaridade (da 8ª série ao 3º ano do Ensino Médio)	59/360 = 16%
<b>TOTAL</b>	<b>101/671 = 15%</b>

Analisando os dados da Tabela acima e considerando a baixa aplicação de particípio irregular em ambos os contextos, constatamos que embora a diferença entre os informantes tenha sido pequena, a forma de particípio preferida foi a regular, confirmando a hipótese de que *falantes com um nível mais baixo de escolaridade preferem o particípio regular*.

Mostramos, agora, a distribuição do uso do particípio irregular nas três Capitais pesquisadas, ressaltando que a tabela será colocada apenas a título ilustração, uma vez que, conforme dito anteriormente, o papel da *localização geográfica* foi o de delimitar a área de aplicação dos dados do VARSUL.

TABELA 7  
Distribuição da *localização geográfica* sobre o uso do particípio irregular

Fatores	Frequência
Curitiba	27/194 = 13%
Porto Alegre	41/215 = 19%
Florianópolis	33/262 = 12%
TOTAL	101/671 = 15%

Apesar de não ter sido proposta uma hipótese específica para a variável *localização geográfica*, cabe comentar que das três Capitais pesquisadas, Porto Alegre foi a que apresentou o maior índice de utilização dos particípios irregulares.

#### 4.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DOS TESTES DE PRODUTIVIDADE

Os Testes de Produtividade resultaram em 1.672 ocorrências de particípio, sendo 773 delas, particípio irregular. Vejamos o gráfico a seguir, o qual apresenta a distribuição dos particípios nos dados dos Testes de Produtividade em termos de percentuais.

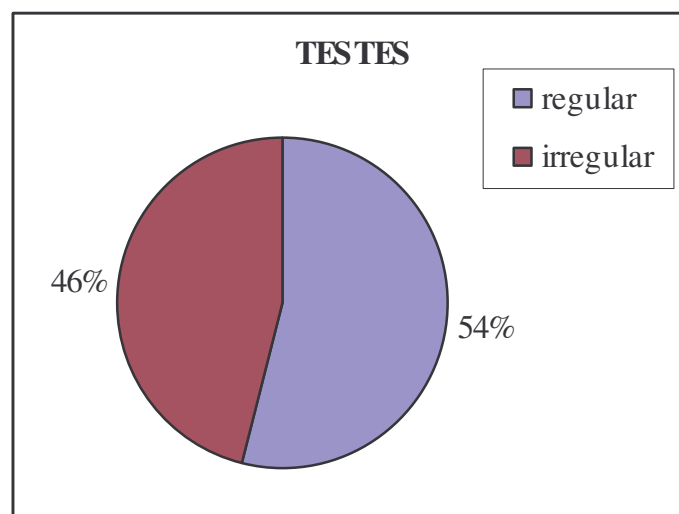


Gráfico 3: Distribuição dos particípios nos dados dos Testes de Produtividade

O Gráfico 2 mostra que a distribuição das formas de particípio nos dados dos Testes foi mais homogênea do que nos dados do VARSUL.

Passemos, agora, para a análise da distribuição das variáveis sobre o uso do particípio irregular.

TABELA 8  
Distribuição da *conjugação do verbo* sobre o uso do particípio irregular

Fatores	Frequência
1ª Conjugação – <i>ar</i> <i>Chegar / Sajar</i>	295/550 = 54%
2ª Conjugação – <i>er</i> <i>Eleger / Gorber</i>	297/638 = 47%
3ª Conjugação – <i>ir</i> <i>Imprimir / Tovor</i>	181/484 = 37%
TOTAL	773/1672 = 46%

Conforme os dados da Tabela 8, a aplicação do particípio irregular com verbos de 1ª conjugação nos Testes (54%) teve um percentual mais alto do que nos dados do VARSUL (3%). A aplicação de 54% de particípio irregular com verbos regulares, a mais alta de todas, contraria a hipótese de que *verbos de primeira conjugação são mais propensos a formações com particípio regular*.

Uma possível explicação para esta diferença poderia estar nos tipos de verbos de cada unidade. Os verbos do VARSUL são provenientes dos dados de fala espontânea dos informantes, enquanto que os verbos dos Testes foram escolhidos tendo-se em vista um público específico que possivelmente utiliza mais o particípio irregular, e, portanto, são verbos que, de certa forma, facilitam esta utilização e favorecem a aplicação do irregular.

Considerando que, segundo a norma da GT, verbos de 1ª conjugação não formam particípio exclusivamente irregular, outra possibilidade para explicar a alta ocorrência deste fenômeno nos Testes é o uso de verbos como *pegar*, *pagar* e *salvar*, verbos abundantes cujas formas irregulares predominam na língua, e também a criação de particípios irregulares para alguns verbos, haja vista as seguintes ocorrências: *tinha chego*; *tinha fico*; *tinha salgo*.

Os verbos de 2ª e 3ª conjugação, ao contrário dos de 1ª conjugação, podem formar particípios duplos e particípio exclusivamente irregular, portanto, é natural que com estes verbos a ocorrência do irregular seja alta.



Verbos de 2ª conjugação como *pôr*, *dizer* e *escrever*, e verbos de 3ª conjugação como *vir*, *cobrir* e *abrir* conduzem o resultado para uma porcentagem mais alta.

Nos Testes, houve uma incidência maior de verbos de 3ª conjugação com particípio irregular (37%), o que possivelmente foi causado pelos verbos *cobrir*, *vir*, e *descobrir*, que tiveram alta ocorrência, e pelos verbos abundantes *imprimir* e *restringir*, cujos particípios irregulares predominaram. De 22 ocorrências do verbo *imprimir*, em 16 foi usado o particípio irregular em tempo composto (*tinha impresso*), e de 22 ocorrências do verbo *restringir*, em 9 foi usado o particípio irregular em tempo composto (*tinha restrito*).

Antes de passarmos para a análise da Tabela 9, salientamos que os verbos hipotéticos não foram submetidos à medição da variável *classificação do verbo* pelo fato de, em princípio, não possuírem classificação. Por isto, apresentamos somente os resultados da aplicação com os verbos do léxico.

TABELA 9

Distribuição da *classificação do verbo* sobre o uso do particípio irregular

VERBOS DO LÉXICO	
Fatores	Frequência
Regular <i>Chegar</i>	95/549 = 17%
Irregular <i>Inscrever</i>	236/285 = 83%
Abundante <i>Pagar</i>	363/574 = 63%
TOTAL	694/1408 = 49%

Pelo que nos mostra a Tabela 9, os verbos regulares são os menos propensos a formações com particípio irregular, o que já era esperado, visto que, no português, o número de verbos com particípio regular é superior ao número de verbos com particípio irregular ou abundante.

O percentual de aplicação do particípio irregular com verbos regulares foi de 17%. Este percentual, maior do que o ocorrido nos dados do VARSUL (2%), se deve, possivelmente, pela maior alternância e também pela criação de particípios irregulares para verbos como *chegar*, *ficar* e *salgar*.

Já com os verbos irregulares há, naturalmente, maior aplicação de particípio irregular pela própria natureza destes verbos. Os verbos *escrever*, *ver*, *fazer*, *pôr*, e *vir* favoreceram o uso da forma irregular de particípio.

As ocorrências de particípio regular com verbos irregulares se devem, possivelmente, a verbos como *dar*, *reler*, *medir*, *pedir*, *perder* e *servir*, que são irregulares em termos flexionais, ainda que sejam regulares no particípio.

Nos verbos abundantes, assim como nos irregulares, o alto índice de aplicação do particípio irregular era esperado.

Salientamos, porém, que o resultado nos surpreendeu com a substituição, nos Testes, da forma irregular pela forma regular em verbos como *cobrir*, *abrir* e *prescrever*. As formas *cobrido*, *abrido* e *prescrevido* não eram esperadas em informantes com ensino superior, pois são encontradas, geralmente, na fala de indivíduos menos escolarizados, no entanto, foram utilizadas por informantes dos Testes.

Neste sentido, podemos afirmar que a ocorrência de *cobrido*, *abrido* e *prescrevido* contraria as afirmações de alguns gramáticos que dizem que estas formas são “desusadas”.

De acordo com os dados da Tabela 9, a hipótese de que *a classificação do verbo interfere na opção pela forma do particípio* está confirmada, uma vez que era esperado que com verbos regulares, a ocorrência de particípio irregular fosse menor do que com verbos irregulares e abundantes.

Apenas a título de comparação, apresentamos o Gráfico 3. Este gráfico demonstra a distribuição da aplicação dos particípios de acordo com a classificação do verbo. Vejamos.

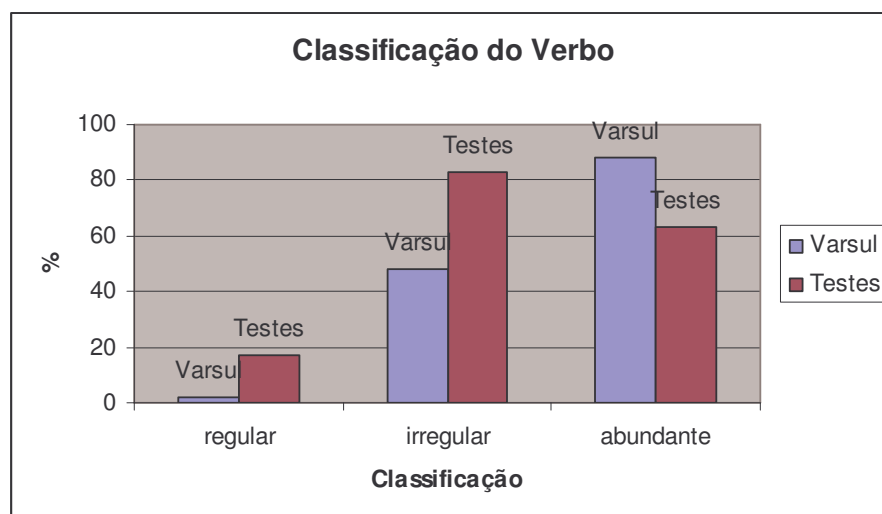


Gráfico 4: Aplicação dos particípios conforme a classificação do verbo

De acordo com o Gráfico 3, os informantes do VARSUL utilizaram mais os participípios irregulares com verbos abundantes, enquanto que os informantes dos Testes preferiram o emprego dos participípios irregulares com verbos irregulares.

Este resultado ratifica a confirmação da hipótese de que *a classificação do verbo interfere na opção pela forma do participípio*, pois, com verbos regulares, foram preferidos os participípios regulares, tanto nos dados do VARSUL, quanto nos Testes.

A seguir, apresentamos os dados referentes à distribuição da variável *formação com o verbo* sobre o uso do participípio irregular.

TABELA 10

Distribuição da *formação com o verbo* sobre o uso do participípio irregular

<b>Fatores</b>	<b>Frequência</b>
Ter <i>tinha pago / tinha sajo</i>	341/836 = 40%
Ser <i>foi impresso / foram fivastos</i>	432/836 = 51%
<b>TOTAL</b>	<b>773/1672 = 46%</b>

Antes de passarmos para a análise dos dados, é importante salientarmos que com a finalidade de simplificar os Testes, não foram utilizados os verbos *haver* e *estar*. O verbo *haver* é geralmente utilizado em situações mais formais e o objetivo dos Testes é nos aproximar o máximo possível de situações naturais de fala, portanto, consideramos que sua presença poderia induzir o informante a um uso não habitual.

Iniciando a análise da Tabela 10, retomamos novamente a regra de formação do tempo composto e da voz passiva: segundo a Gramática Tradicional, os verbos *ser* e *estar* formam com os participípios irregulares a voz passiva, e os verbos *ter* e *haver* formam com os participípios regulares o tempo composto.

Nos Testes, verificamos a ocorrência de 8 *tinha chego*, 8 *tinha fico*, 6 *tinha atento*, 3 *tinha abarco*, 3 *foi salgo*, 2 *tinha sirvo*, 2 *tinha peço*, dentre outros. Além disto, as formas irregulares dos verbos abundantes (*aceito*, *eleito*, *ganho*, *impresso*, *pago*, *pego* e *salvo*) tiveram aplicação alta em tempo composto, e há, ainda, os verbos com participípio exclusivamente irregular utilizados no tempo composto (*cobrir*, *dizer*, *escrever*, *inscrever* e *pôr*), o que justifica o percentual de 40% de aplicação do participípio irregular com o verbo *ter*.

Embora o resultado dos Testes demonstre a considerável ocorrência de participío irregular no tempo composto, também foram encontrados casos de substituição do participío irregular pelo regular (1 *tinha cobrido*, 2 *tinha abrido*, 3 *foi extinguido*, 1 *foi imprimido*, 1 *foi suspendido*, 1 *foi prescrevido*), conforme mencionado anteriormente. Estas ocorrências, de certa forma, surpreendem a expectativa relacionada à fala destes informantes por serem formas em geral encontradas na fala de indivíduos com escolaridade mais baixa.

Com relação à hipótese de que *os participíos regular e irregular são empregados respectivamente nas formações de tempo composto e voz passiva*, acreditamos que fatores como a alta ocorrência de participío irregular na formação do tempo composto, a criação de participíos irregulares para verbos regulares e o uso de participíos regulares na formação da voz passiva, indicam que os informantes dos Testes não obedecem plenamente à distribuição dos participíos determinada pela GT para a formação da voz passiva e do tempo composto, portanto, a hipótese não se confirma.

Vejam, agora, o que dizem os dados sobre a influência do número de sílabas dos verbos no uso do participío irregular. Antes, porém, cabe salientar duas particularidades dos Testes: por uma questão de delimitação da amostra, o fator *polissílabo* não foi utilizado; olhando para o léxico do português, cujos verbos monossílabos, em sua maioria, têm participío irregular, optamos por não criar verbos hipotéticos monossílabos.

Assim sendo, mais uma vez foram separados os dados dos Testes em “verbos do léxico” e “verbos hipotéticos” para evitar comprometimento na interpretação dos dados.

TABELA 11  
Distribuição da *classificação silábica do verbo* sobre o uso do participío irregular

VERBOS DO LÉXICO	
Fatores	Frequência
Monossílabo <i>Ver</i>	88/88 = 100%
Dissílabo <i>Caber</i>	308/706 = 44%
Trissílabo <i>Atentar</i>	321/614 = 52%
TOTAL	694/1408 = 49%

Nos dados dos verbos do léxico, afóra o uso categórico do participío irregular com os monossílabos, justificado pelo emprego dos verbos *pôr*, *ver* e *vir*, de participío

exclusivamente irregular, observamos que os trissílabos propiciam mais a aplicação do irregular, haja vista 52% de frequência. Destes dados, ressaltamos que a escolha dos verbos usados nos Testes possivelmente contribuiu para o resultado, pois a maioria dos verbos trissílabos eram abundantes ou com particípio exclusivamente irregular, como, por exemplo, *aceitar, entregar, expressar, escrever, inscrever, eleger, suspender, imprimir, descobrir, extinguir*.

TABELA 12  
Distribuição da *classificação silábica do verbo* sobre o uso do particípio irregular

VERBOS HIPOTÉTICOS	
Fatores	Frequência
Dissílabo <i>Sajar</i>	40/132 = 30%
Trissílabo <i>Catender</i>	39/132 = 30%
TOTAL	79/264 = 30%

Os dados dos verbos hipotéticos, por sua vez, apontam um percentual de 30% de aplicação do particípio irregular, tanto com dissílabos quanto com trissílabos. Isso demonstra que com verbos desconhecidos ainda é preferido o emprego do particípio regular, independentemente do número de sílabas, seguindo-se, então, o padrão flexional regular do português.

Quanto à hipótese de que *a quantidade de sílabas do verbo influi na realização do particípio irregular*, de acordo com os dados da Tabela 12, acreditamos não estar confirmada com os verbos hipotéticos, pois o número de sílabas não favoreceu a aplicação em nenhum dos contextos, porém, com os verbos do léxico, em princípio, houve interferência da quantidade de sílabas na realização do particípio irregular, o que também foi verificado nos dados do VARSUL.

Analisaremos, agora, se a tonicidade do contexto seguinte interfere na escolha pelo particípio irregular. Vejamos os dados.

TABELA 13  
Distribuição da *tonicidade do contexto seguinte* sobre o uso do particípio irregular

Fatores	Frequência
Tônico <i>foi salgo pelo</i>	666/1430 = 47%
Átono <i>tinha chego atrasada</i>	67/198 = 34%
Vazio <i>foi suspendido/suspensio.</i>	40/44 = 91%
TOTAL	773/1672 = 46%

Nos dados dos Testes, houve uma maior ocorrência do particípio irregular em todos os contextos, se comparada à aplicação nos dados do VARSUL, porém, salientamos que o percentual de 91% de aplicação com o contexto *vazio* pode ser explicado pelo fato de que as únicas duas frases que continham o particípio no final, “O ataque aos inimigos foi suspendido/suspensio” e “O setor foi extinguido/extinto”, foram elaboradas com verbos abundantes. Considerando que os resultados da análise da variável *classificação do verbo* indicam que a forma de particípio mais recorrente em verbos abundantes é a irregular, a alta aplicação nestas frases, construídas com verbos abundantes, se justifica.

Desconsiderando o contexto *vazio*, ao que parece, quando o contexto fonológico seguinte é tônico, há uma maior tendência ao uso do particípio irregular. Isto poderia ajudar a explicar situações em que o falante alterna o uso do particípio regular e do irregular com o mesmo verbo, pois, em observações informais, nos deparamos com casos em que o mesmo falante usa ora *tinha chego* e ora *tinha chegado*. A alternância poderia estar sendo influenciada pelo contexto seguinte, porém, esta possibilidade não foi contemplada nos Testes, uma vez que o falante tinha de optar por apenas uma das formas.

Com relação à hipótese de que *a tonicidade do contexto seguinte afeta a escolha da forma de particípio*, embora reconheçamos que a alternância possa estar relacionada com a tonicidade do contexto fonológico seguinte, não obtivemos um resultado que nos permita confirmá-la plenamente.

Para a variável *escolaridade*, não houve medição, pois, como já dissemos, os Testes foram aplicados a indivíduos com ensino superior.

Todavia, retomando os resultados das tabelas anteriores, percebemos que o uso do particípio irregular foi maior entre os informantes dos Testes em quase todas as análises,

levando-nos a concluir que a hipótese de que *falantes com um nível mais alto de escolaridade fazem maior uso do particípio irregular* confirmou-se.

Assim como a variável *escolaridade*, a variável *localização geográfica* não foi medida nos Testes, pois todos os informantes são oriundos da região metropolitana de Porto Alegre.

Abordaremos, agora, a hipótese de que *os critérios de escolha da forma de particípio são idênticos tanto para verbos do léxico do português quanto para verbos hipotéticos*, reafirmando que para esta hipótese também não foi realizada uma medição específica, porém, retomando os resultados da distribuição da variável *classificação silábica do verbo*, que indicou 30% de aplicação do irregular com os hipotéticos, cremos que os critérios não são os mesmos, pois com os verbos do léxico a ocorrência de particípio irregular foi maior. Inclusive, nos verbos do léxico foi verificada a criação de particípios irregulares. Segundo estas constatações, portanto, a hipótese tem de ser refutada ou ignorada até que encontremos uma forma de medi-la corretamente.

O fato de os verbos hipotéticos não se comportarem da mesma forma que os do léxico nos permite pensar que o particípio irregular está possivelmente “memorizado” para alguns falantes. A aplicação do irregular a verbos que não o comportam, como *chegar*, por exemplo, possivelmente é resultado de analogia para satisfazer uma questão relacionada a prestígio.

Contudo, ainda que a análise da classificação silábica indique que 70% dos verbos hipotéticos seguiram o padrão de regularidade da língua, não se pode negar que a aplicação do irregular teve um percentual considerável.

Para discutir a questão dos verbos hipotéticos e as novas formas de particípio registradas nos resultados da análise, recorreremos à noção de competência, isto é, o conhecimento que o falante nativo tem de sua língua, incluindo, além da lista de entradas lexicais, as regras de formação de novas palavras desta língua.

Retomando Basilio (1980), o falante nativo conhece as Regras de Formação de Palavras (RFP's), as Regras de Análise Estrutural destas palavras (RAE's) e sua interação. O falante também conhece as regras de redundância da língua, as quais devem bloquear a formação de palavras redundantes (palavras novas com a mesma função de palavras que já existem na língua).

Este sistema de bloqueio foi inicialmente proposto por Aronoff, que o descreve da seguinte forma:

Assumindo, claro, que o significado de um afixo está conectado de qualquer forma com sua distribuição, com seu significado em formas individuais, nossa habilidade de prever o significado de uma nova forma será prejudicada pelo significado arbitrário de formas existentes já listadas. Então, esta lista pode afetar a produtividade através da conexão semântica.

Contudo, há mais conexão direta entre listas lexicais e produtividade. A chave desta conexão é um fenômeno o qual eu chamo de bloqueio. O bloqueio é a não-ocorrência de qualquer forma devido à simples existência de outra<sup>8</sup> (ARONOFF, 1976, p. 43).

O conhecimento que o falante tem das RFP's e RAE's justifica os 70% de uso do particípio regular nos verbos hipotéticos, pois, relacionando verbos novos a verbos do léxico do português e analisando sua estrutura interna, é de se esperar que o falante nativo aplique o padrão flexional regular nos verbos hipotéticos.

Basilio exemplifica a hipótese dizendo que o falante de português, mesmo conhecendo a regra de redundância que forma substantivos terminados em *gem* a partir de uma base verbal (espionar – *espionagem*), não formaria *\*estudagem* por causa da existência da entrada lexical *estudo*, que teria a mesma função de *\*estudagem* segundo a RAE correspondente.

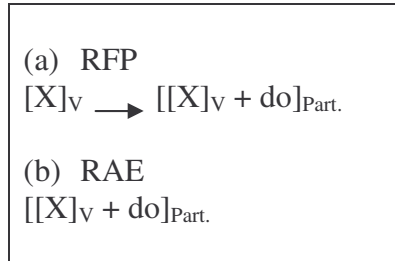
Então, como explicar a criação de particípio irregular para um verbo que já possui o particípio regular? Seria possível dizer que o falante desconhece a regra de redundância que forma particípio regular mediante o acréscimo do sufixo *do* a uma base verbal, ou que ele desconhece a entrada lexical *chegado*? Ainda, seria possível afirmar que *chegado* não bloqueia a formação de *chego* porque a RAE que analisa a estrutura do novo particípio não é transparente e não lê *chego* como redundante? Neste caso, conclui-se, então, que nem sempre uma regra de redundância lexical é eficaz, pois, em princípio, deveria bloquear a formação de *chego*, mas não bloqueia.

Exemplificando, o falante reconhece a regra que forma particípio regular em português [V + do]<sub>Part.</sub> e a RAE correspondente, que permitirá ao falante analisar a estrutura de uma palavra nova a partir de palavras similares já existentes. É possível, então, concluir que para cada palavra há duas regras, uma RFP e uma RAE correspondente. Desta forma, para formação de particípio teríamos:

---

<sup>8</sup> Assuming of course that the meaning of an affix is connected somehow with its distribution, with its meaning in individual forms, our ability to predict the meaning of a new form will be impaired by the arbitrary meanings of the existing listed forms. Thus, listing may affect productivity through a semantic connection. However, there is more direct connection between lexical listing and productivity. The key to this connection is a phenomenon which I call blocking. Blocking is the nonoccurrence of one form due to the simple existence of another (ARONOFF, 1976, p. 43).





Analisemos, então, a formação de três participios – *chegado*, *detigado* e *chego* – conforme a proposta de Basilio buscando subsídios para entender tais formações. Estes verbos foram escolhidos sob os seguintes argumentos:

- *chegado* é o participio regular do verbo *chegar* e obedece ao padrão de formação de participios da língua portuguesa;
- *detigado* é o participio regular de um dos verbos hipotéticos dos Testes e obedece ao padrão de formação de participios da língua portuguesa; e
- *chego*, nova forma de participio do verbo *chegar* que não obedece ao padrão de formação de participios da língua portuguesa (a criação de participios irregulares é considerada improdutiva).

Segundo Basilio (1980), em *a*, a base para a formação de um participio novo seria uma forma livre, o que explicaria a formação de *chegado*, visto que a base é uma forma livre em português. Desta forma teríamos:

$$[chega]_v \longrightarrow [[chega]_v + do]_{chegado.}$$

Já em *b*, a base não precisa necessariamente ser uma forma livre e então a RAE permite ao falante analisar a estrutura do novo verbo e reconhecer que o participio pode ser formado com a adição do sufixo *do* a esta base verbal. Isto explicaria a formação de *detigado*, cuja base não é forma livre em português, mas o sufixo (*do*) é facilmente reconhecido, e a formação do participio seria analisada nos moldes da RFP em *a*. Assim teríamos:

$$[[detiga]_v + do]_{detigado.}$$

Contudo, estas regras não explicariam a formação de *chego*. A RFP não contemplaria a formação de *chego* porque o sufixo (g)o não é produtivo, ou seja, o falante de português não o reconhece como um sufixo formador de particípio.

Quando a RAE é transparente, ela própria fornece condições para se reconhecer e isolar a base e o sufixo, entretanto, quando a RAE é opaca, o léxico deve fornecer condições para este reconhecimento.

No caso de *chegado*, a RAE é absolutamente transparente, porém, nos casos de *detigado* e *chego*, a RAE é opaca, porque em *detigado* a base não é uma forma livre e tem de se recorrer ao léxico para buscar estruturas semelhantes, e em *chego* o sufixo não é reconhecido facilmente, uma vez que não se reconhecem todos os verbos terminados em (g)o como formas participiais irregulares (*apegno*, *cego*, *chamego*, *rego* e *prego*).

Assim, a opacidade da RAE exige que se busque no léxico as condições para isolar a base e o sufixo. Estas condições podem ser satisfeitas ou pelo fato de a seqüência fônica ocorrer com o mesmo significado em outra palavra da língua ou pela relação paradigmática.

mastigar – mastigado	→	detigar - detigado
pegar – pego	→	chegar - chego

Poderíamos supor, então, que a criação de participios irregulares começou a se propagar no português, ou pelo menos não foi bloqueada, pelas seguintes razões:

- a competência lingüística do falante de português compreende sua capacidade de formar novas palavras na língua;
- o processo de formação de particípio irregular está se tornando produtivo em português;
- embora a regra que analisa a estrutura destes participios irregulares seja opaca, o falante pode recorrer às relações paradigmáticas para formar participios análogos aos de outros verbos da língua.

O que Basilio diz sobre as irregularidades encontradas na flexão vem corroborar nossa opinião de que a formação de participios irregulares está se tornando um processo produtivo em português, pelo menos em verbos já existentes no léxico.

Naturalmente, podemos encontrar muitas irregularidades em sistemas flexionais, mas estes casos não interferem no reconhecimento dos padrões gerais. Ao contrário, o nivelamento paradigmático de formas irregulares é muito comum na

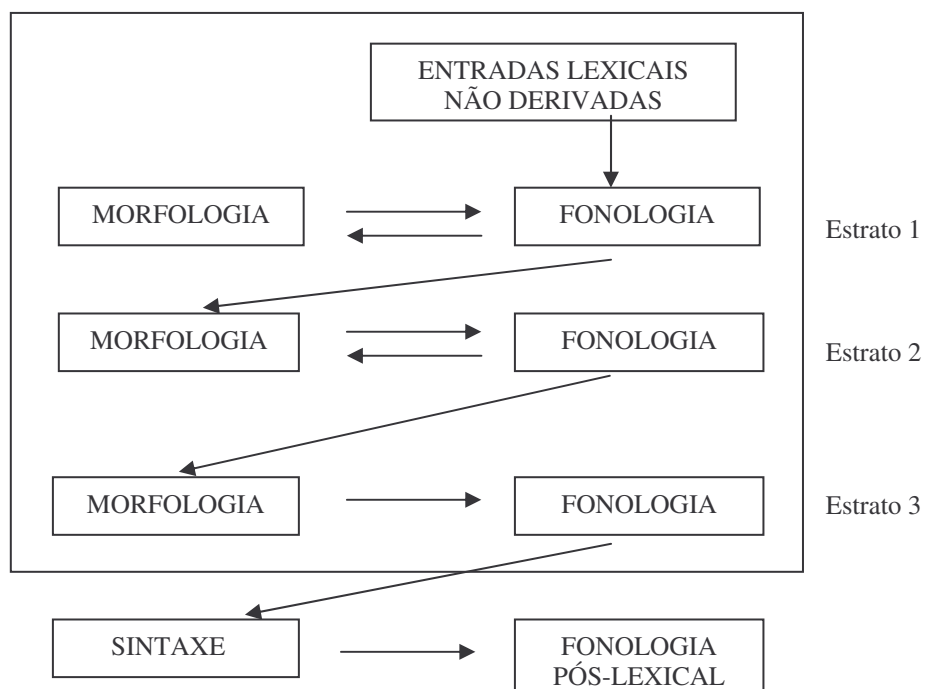
história das línguas – considere-se, por exemplo, a substituição de formas irregulares de particípio passado no português e no inglês. Entretanto, quando algum verbo específico é irregular, o reconhecimento do radical básico é mais difícil. (BASILIO, 1980, p. 72)

Partindo da mesma noção de RFP's e RAE's, é possível analisar a criação de particípios irregulares através do conceito de bloqueio proposto pela Fonologia Lexical, pois, conforme Schwindt (2004, p. 132), “Se adotamos o conceito tradicional de produtividade para descrever uma língua, o resultado será uma gramática com pouca abstração, mas com um dicionário pesado”. Desta forma, propomos a sucinta análise que segue.

De acordo com Bisol (2001), a Fonologia Lexical é uma teoria que estuda a interação entre a morfologia e a fonologia. Esta teoria, desenvolvida por Paul Kiparsky (1982) e K. P. Mohanan (1982), leva em conta as relações entre a estrutura morfológica de uma palavra e as regras fonológicas que a ela se aplicam.

Segundo a teoria de Kiparsky e Mohanan, o léxico de uma língua está organizado em uma série de *estratos* (níveis), e em cada um deles os itens do léxico estão sujeitos a regras morfológicas e fonológicas, ou seja, os estratos são os domínios em que atuam as regras de formação de palavras. Primeiramente, são aplicadas as regras morfológicas, depois, as fonológicas.

Katamba (1993, p.95) apresenta a estrutura proposta por Kiparski (1982b, p. 5) para o léxico do inglês, a qual seria formada por três estratos, conforme o modelo que segue:



Na Fonologia Lexical, a ordem dos estratos reflete a ordem dos processos de formação de palavras e varia de acordo com cada língua. Para Bisol (2005), o léxico do português é formado por dois estratos.

Todavia, em todas as línguas, os processos mais restritos se aplicam no estrato 1 e os mais gerais nos demais estratos. Logo que alguma regra específica é aplicada a uma palavra no estrato 1, ocorre um processo de bloqueio que impede que a regra mais geral seja aplicada nos outros estratos.

Tentemos analisar a criação de particípio irregular segundo alguns dos principais preceitos da Fonologia Lexical. Mais uma vez tomaremos o verbo *chegar* como exemplo.

No quadro acima proposto por Kiparsky, a distribuição de processos de formação de palavras nos níveis do léxico se dá da seguinte forma:

Estrato 1	flexão e derivação irregular
Estrato 2	derivação regular e composição
Estrato 3	flexão regular

Conforme a proposta de Bisol (2005), para a organização do léxico do português teremos a seguinte estrutura de níveis:

Estrato 1	processos irregulares
Estrato 2	processos regulares

Há processos de formação de palavras que mesmo não acarretando alteração na raiz são considerados irregulares, pois são imprevisíveis. Como exemplo do Inglês, Katamba utiliza a palavra *ox*, cujo plural (irregular) é *oxen*. Não se pode prever quando este processo vai ocorrer em uma palavra do inglês, pois outras com estrutura semelhante, como *box* ou *fox*, têm o plural regular.

Para mantermos o exemplo proposto quando discutimos Basilio (1980), tentaremos analisar a criação do particípio irregular *chego* no português. Considerando que a flexão irregular, mais restrita, ocorre no nível 1 do léxico, e que a flexão regular ocorre no nível 2, onde a regra mais geral é aplicada por *default* quando não há a aplicação da regra mais restrita no nível 1, depreende-se que a formação de particípios irregulares no português ocorre, então, no nível 1.

Raiz = *cheg*  
 Nível 1 = *chego* (flexão irregular)  
 Nível 2 = *cheg(a)do* (flexão regular)

Em princípio, o particípio irregular *chego*, do nível 1, é formado primeiro, e sua formação bloqueia a aplicação da regra mais geral, que forma particípio regular. Uma vez que já sofreu a afixação irregular no nível 1, *chego* deve “pular” a afixação regular do nível 2, pois, caso contrário, será adicionado à palavra o sufixo *do*, produzindo a forma *chegodo*.

O bloqueio, que ocorre entre os níveis, se encarrega de evitar que a afixação regular e a irregular se sobreponham. Após ocorrer o processo de afixação irregular no nível 1, *chego* passa para o nível 2 com a informação de que já está no particípio. Esta informação é passada ao léxico através da *Bracket Erasure Convention* (BEC), um princípio da Fonologia lexical que estabelece que os colchetes que carregam as informações internas da palavra são apagados ao final de cada nível, impedindo que a estrutura interna produzida em um nível se altere no próximo. Cada *output* produzido em um nível, entra como uma palavra no nível seguinte, não podendo ter sua estrutura interna alterada. Desta forma, o BEC, ao apagar os colchetes logo que *chego* sai do nível 1, faz com que a palavra carregue consigo a informação de que já está no particípio, impedindo que a formação de particípio regular do nível 2 seja aplicada a ela novamente.

O processo de bloqueio evita a formação de *chegodo*, mas não evita que se forme *chegado* e *chego*. Assim, é possível dizer que as regras estão em distribuição complementar, ou seja, quando uma é aplicada, a outra é bloqueada.

O bloqueio frustra a reaplicação de regras em estratos diferentes, porém, não evita a aplicação de regras dentro de um mesmo estrato. Quando há contexto para que duas regras sejam aplicadas num mesmo estrato, o que garante a prioridade da mais restrita sobre a mais geral é o princípio de *Elsewhere Condition*.

*Elsewhere Condition* explica o conflito entre duas regras disjuntivas, ou seja, mostra como analisar a escolha por uma regra quando há duas regras que ocorrem em contextos similares. Neste caso, quando a primeira regra é aplicada (a mais restrita), a segunda (mais geral) fica excluída, e só será aplicada caso a primeira não satisfaça as condições necessárias para a sua aplicação.

Sabemos que a regra de formação de particípio irregular se aplica no nível 1, porém, em alguns casos, o afixo é *e* (*entregue*) e em outros é *o* (*chego*). *Elsewhere Condition* garante que se aplique primeiro a regra mais restrita (afixação de *e*) e depois a mais geral (afixação de *o*) dentro do mesmo nível, pois todas as formações de particípio irregular estão no nível 1 em

português. O bloqueio, por sua vez, garante que se aplique primeiro os processos irregulares (nível 1) e depois os regulares (nível 2). Desta forma, a formação de particípio irregular pode ser aprimorada conforme segue:

Raiz	cheg		
Nível 1	cheg + <i>e</i>	flexão irregular com <i>e</i>	Regras mais restritas
	cheg + <i>o</i>	flexão irregular com <i>o</i>	
Nível 2	cheg + (a) + <i>do</i>	flexão regular	Regras mais gerais

De acordo com o esquema acima, entendemos que no léxico profundo está a raiz *cheg*. No nível 1, estão as regras mais restritas, de formação de particípio irregular. Entre as duas regras mais restritas também há uma hierarquia, garantida por *Elsewhere Condition*. Não sendo aplicado o sufixo *e*, mais restrito, a raiz sofre a afixação de *o*, formando *chego*. No nível 2, ocorre a afixação regular, onde é formado o particípio *chegado*.

Embora as propostas de Basilio e da Fonologia lexical tenham contribuído sobremaneira para o entendimento do processo de formação de particípios irregulares em português e para a constatação de que este processo, ao contrário do que se pensava, é dinâmico e está se tornando produtivo, restam questões a responder: por que o processo de formação de particípio irregular atua nos verbos *chegar*, *ficar* e *trazer*, por exemplo, e parece não atuar (pelo menos não ainda) em outros verbos com estrutura semelhante, como os verbos *cegar*, *levar*, *negar* ou *picar*? E em verbos abundantes, o bloqueio falha ao permitir que se formem dois particípios? De acordo com Katamba, a resposta é não, pois bloqueio, mais do que uma obrigatoriedade, deve ser visto como uma “importante tendência” (KATAMBA, 1993, p. 128).

Quando ocorrem dois tipos de afixação diferentes a uma só base, deve haver alguma explicação. Pode explicar-se pela semântica, como no caso de *trabalhadora* / *trabalhadeira*, em que cada um dos afixos denota um significado, ou simplesmente pelo fato de que em alguns casos a flexão irregular é obrigatória e em outros é opcional, como no caso do verbo *chegar*, para o qual alguns falantes optam por formar um particípio irregular. Neste caso, não há fatores semânticos envolvidos, pois ambas as formas, regular e irregular, desempenham a mesma função, e o falante pode usar qualquer uma delas sem prejuízo ao significado. Esta condição de “opcionalidade” nos leva a inferir que qualquer verbo do português está sujeito à formação de particípio irregular. A criação destes particípios, então, vai depender da opção do falante e de fatores lingüísticos e extralingüísticos que favoreçam esta criação.

Além destas explicações, retomamos Lobato (1999) para defendermos a hipótese da relação do contexto fonético com a forma de particípio. É de se supor que o léxico do português rejeite formações como *tinha canto* (de cantar), *tinha lavo* (de lavar), *tinha moto* (de mover), *tinha misso* (de meter), *tinha ouço* (de ouvir) ou *tinha abro* (de abrir) devido à necessidade de haver certo padrão sonoro para que a palavra, neste caso o particípio, seja realizada.

Encerrando a análise e tendo em vista o objetivo inicial de realizarmos uma análise comparativa entre a norma e o uso, cabe aqui trazermos as recomendações dos gramáticos consultados com o intuito de verificarmos se os falantes do sul do Brasil tendem a obedecer às normas determinadas pela Gramática Tradicional para o uso dos particípios nas formações de tempo composto e voz passiva.

Com relação às recomendações que Rocha Lima (1996) faz sobre o uso do particípio, cabe salientar as seguintes: a) o particípio regular de alguns verbos é empregado com o verbo *ter*; e o particípio irregular, com *ter* e *ser* (*aceitar, eleger, salvar*); b) com outros verbos, o particípio regular é usado somente com *ter* e o irregular com *ser*; c) na linguagem contemporânea só se usam os particípios irregulares *ganho, gasto e pago*, tanto com *ter* quanto com *ser*; d) em qualquer situação, o particípio literário de *pegar* é *pegado*.

Recorrendo ao uso real do particípio na língua falada, concluímos que, embora no item *a* Rocha Lima aceite a ocorrência de expressões como *tinha aceito, tinha eleito e tinha salvo*, o que já seria um avanço se comparado a outros gramáticos mais conservadores, realmente não há correspondência perfeita entre a norma e o uso, visto que na linguagem coloquial esta situação ocorre também com outros verbos (*tinha entregue, tinha expulso, tinha impresso*) e cada vez mais tem lugar garantido na língua portuguesa, ampliando as possibilidades ditadas por Lima em *b*.

O item *c*, a nosso ver, demonstra certa resistência em aceitar os fatos da língua, pois se por um lado consente o uso do particípio irregular nos tempos compostos com *ganhar, gastar e pagar*, por outro lado, prega a existência de um particípio regular exclusivo para o verbo *pegar*, o particípio literário *pegado*, o que, mais uma vez, vai de encontro à língua falada, onde formações como *ter pego* são comumente realizadas, haja vista os resultados dos Testes.

Cegalla (1967) é de opinião que o uso faz uma forma suplantar a outra e não aceita a condenação ao uso alternado das formas regulares e irregulares.

Cunha e Cintra (1985) dizem que alguns particípios regulares outrora predominantes estão sendo preteridos pelos irregulares (*ganhar, gastar, pagar*) e que os tempos compostos se

formam com *ter* e *haver*, enquanto que a voz passiva se forma, “de preferência”, com *ser* e *estar*.

Luft diz que o particípio regular é usado com *ter* e *haver* e o irregular com *ser* e *estar*.

Em suma, embora alguns gramáticos falem em formas preferenciais, a maioria deles ainda indica a melhor forma de realizar o tempo composto e a voz passiva.

Quanto à obediência às regras formais de distribuição das formas de particípio com o tempo composto e a voz passiva, os resultados da análise quantitativa nos mostraram que seguem mais a norma as pessoas com baixa escolaridade, uma vez que a alternância dos particípios nas formações verbais participiais e a criação de particípios irregulares foi verificada numa escala bem maior na fala de indivíduos com um nível mais alto de escolaridade.



## CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, procuramos verificar se o falante do Sul do Brasil emprega o particípio no tempo composto e na voz passiva em conformidade com as normas ditadas pela Gramática Tradicional do português, segundo a qual com o tempo composto deve ser usado o particípio regular e com a voz passiva deve ser empregado o particípio irregular.

Deve-se levar em conta, obviamente, que alguns verbos apresentam apenas um particípio. Assim sendo, se o verbo não for abundante, haverá apenas uma alternativa para a formação de ambos os tempos verbais.

Retomando nossos objetivos e hipóteses, e baseando-nos nos resultados da análise quantitativa realizada, apresentamos nossas conclusões.

Quanto ao objetivo de verificar qual a forma mais produtiva/recorrente dos participios em formações verbais, concluímos que são as formas regulares, porém, com crescimento da produtividade das formas irregulares em verbos do léxico (não-hipotéticos).

De acordo com os resultados obtidos com os Testes, elaborados com verbos do léxico e verbos hipotéticos, observamos que com verbos novos, o falante obedece, na maioria das vezes, o padrão de regularidade da língua, preferindo formar participios regulares.

Contudo, deve-se salientar que quando se trata de verbos do léxico, observamos o crescimento na produtividade de formas irregulares de particípio, ocorrendo, inclusive, a criação de formas irregulares para verbos que apresentam, segundo a gramática, apenas particípio regular. Este fenômeno, de certa forma, vai de encontro às regras de formação de palavras, as quais postulam como improdutivas as formas irregulares.

Detalhando a conclusão, se nos remetermos às recomendações de uso emitidas pelos gramáticos consultados, podemos verificar que os informantes do VARSUL obedecem mais à regra de formação do tempo composto e da voz passiva do que os informantes dos Testes, os quais alternam com mais frequência as formas regulares e irregulares.

Com relação à influência de fatores lingüísticos e extralingüísticos na escolha do falante pela forma de particípio em situações de fala, e com base nas hipóteses lançadas, chegamos às conclusões que seguem.

“Verbos de primeira conjugação são mais propensos a formações com particípio regular”.

“A classificação do verbo interfere na opção pela forma do particípio, uma vez que os verbos regulares se mostraram menos propensos à aplicação do particípio irregular”.

“Os particípios regular e irregular são empregados pelos indivíduos com menos escolaridade respectivamente nas formações de tempo composto e voz passiva, conforme determina a gramática; entretanto, os indivíduos com um nível mais alto de escolaridade alternam mais freqüentemente as formas de particípio”.

“A quantidade de sílabas do verbo influi, de certa forma, na realização do particípio irregular, uma vez que os verbos trissílabos são mais propensos ao emprego do particípio irregular com verbos do léxico, embora não com verbos hipotéticos. Ademais, apesar de os trissílabos parecerem favorecer o uso do irregular, são os dissílabos que mais favorecem a criação de formas novas de particípio irregular”.

“A tonicidade do contexto seguinte, em princípio, parece não afetar a escolha da forma de particípio”.

“Os critérios de escolha da forma de particípio não são idênticos para verbos do léxico e para verbos hipotéticos, pois com os hipotéticos a escolha do particípio obedece ao padrão de formação de palavras do português, se sobressaindo as formas regulares; já com os verbos do léxico, a alternância no uso e a criação de particípios irregulares demonstram que há outros critérios de escolha, possivelmente relacionados a prestígio/desprestígio de formas verbais”.

“Falantes com um nível mais alto de escolaridade fazem maior uso do particípio irregular”.

“Falantes com um nível mais baixo de escolaridade preferem o particípio regular”.

Hipóteses referentes à produtividade, hipercorreção ou prestígio/desprestígio das formas de particípio, não foram lançadas formalmente. No entanto, com base nos estudiosos consultados, chegamos às conclusões descritas a seguir.

“O processo de criação de particípios irregulares para verbos estritamente regulares não é um fenômeno improdutivo nos dias de hoje, principalmente se se considerar sua aplicação entre as pessoas com um nível de escolaridade mais elevado”.

“Uma das razões que contribui para o aumento da produtividade destas formas irregulares é a tentativa do falante de superar-se no seu próprio modo de falar, realizando um fenômeno de hipercorreção”.

“Este fenômeno de hipercorreção, por sua vez, está diretamente relacionado com a questão do prestígio lingüístico, visto que se identifica no uso feito pelo público de acesso ao ensino superior sua maior ocorrência”.

PRODUTIVIDADE	
PARTICÍPIO REGULAR	PARTICÍPIO IRREGULAR
- Mais produtivos	- Menos produtivos
- Alta produtividade com verbos novos	- Produtividade em crescimento com verbos do léxico
- Seguem o padrão de formação de participios do português	- Não seguem o padrão de formação de participios do português
	- Criados por analogia a participios irregulares presentes no léxico
	- Acarretado por um fenômeno de hipercorreção
	- Demonstram o prestígio das formas irregulares, geralmente presente no léxico dos falantes cultos

Quadro 3: Resumo das Conclusões sobre Produtividade

Analisando o resumo sobre a produtividade dos participios irregulares, concluímos que, no que se refere aos falantes da amostra pesquisada, a criação destes participios se justifica de tal forma que nos inibe de chamá-la regra improdutivo. Da mesma forma, questionamos os preceitos da GT para formação de tempos compostos e voz passiva baseados no fato de que a gramática falada tem suas próprias regras, as quais não deveriam ser postas num plano secundário.

Para Bagno (2006, p. 65), “A tarefa de uma gramática seria, isso sim, *definir, identificar e localizar* os falantes cultos, *coletar* a língua usada por eles e *descrever* essa língua de forma clara, objetiva e com critérios teóricos e metodológicos coerentes”.

Compartilhamos com Bagno este posicionamento, uma vez que consideramos necessário, no mínimo, que as gramáticas descrevam o modo como estão sendo construídos os tempos compostos e a voz passiva no português falado. Descrever a realidade da língua falada, sincronicamente, mais do que romper com dogmas normativos, significa reconhecer sua importância para o estudo científico, pois, como diz Bagno (2006, p. 55), é “nessa língua falada que ocorrem as mudanças e as variações que incessantemente vão transformando a língua”.

Ao contrário dos gramáticos que preconizam que a língua falada deva seguir o modelo da linguagem erudita, acreditamos que em qualquer modalidade de língua se constituam normas e regularidades provenientes do uso, e não o inverso, tanto que constatamos padrões de regularidade na criação de novas formas verbais na língua falada.

Faraco (2002, p. 45), com quem concordamos plenamente, diz que “Há uma sutil, mas danosa inversão aqui: em vez de dizermos ‘por ser a norma, está nas gramáticas’, dizemos ‘por estar nas gramáticas, é a norma’”.

Em outras palavras, o uso é que vai dizer como a gramática deve ser constituída, e esta, por sua vez, tem como papel principal antes descrever a língua falada do que impor normas baseadas num ideal inalcançável de língua.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Erica Sousa de. **A formação de perífrases verbais no português: diacrônico um processo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, Curso de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. Disponível em:  
<<http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/AlmeidaES.pdf>> Acesso em: 10 fev. 2007

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 31. ed. São Paulo: Saraiva, 1982. 543 p.

ARONOFF, Mark. **Word Formation in Generative Grammar**. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1976.

BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola editorial, 2005.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. 46. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

BASILIO, Margarida. **Estruturas Lexicais do Português: uma abordagem gerativa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.

BISOL, Leda (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BISOL, Leda (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **A sombra do caos: ensino de língua x tradição gramatical**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1997. 287 p. (Leituras no Brasil).

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 40. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1967. 556 p.

COELHO, Sueli Maria. **Estudo diacrônico do processo de expansão gramatical e lexical dos itens *ter, haver, ser, estar e ir* na língua portuguesa**. Belo Horizonte, UFMG, 2006. Tese de Doutorado, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

CORREIA, Margarida. **O léxico na economia da língua**. In: Ciência da Informação. V. 24, n. 3, 1995. Disponível em:  
<[www.ibict.br/cionline/include/getdoc.php?id=918&article=567&mode=pdf](http://www.ibict.br/cionline/include/getdoc.php?id=918&article=567&mode=pdf)> Acesso em 12 fev. 2007

CRYSTAL, David. **Dicionário de Lingüística e de Fonética**. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, RJ. 1985. Título original: A Dictionary of Linguistics and Phonetics. Tradução autorizada da segunda edição inglesa revista e ampliada, publicada em 1985 por Basil Blackwell, de Oxford, Inglaterra.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 724 p.

FARACO, C. A. **A questão da língua**: revisitando Alencar, Machado de Assis e cercanias. *Línguas e Instrumentos Lingüísticos*, Campinas, v. 7, p. 33-51, 2002.

KATAMBA, F. **Morphology**. New York: St. Martin's Press, 1993.

LABOV, W. **Sociolinguistics patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 33. ed., retocada e enriquecida. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

LOBATO, Lucia. **Sobre a forma do particípio do português e o estatuto dos traços formais**. *DELTA*, São Paulo, v. 15, n. 1, Feb. 1999. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44501999000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000100005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 12 dez. 06

LUFT, Celso Pedro. **Moderna gramática brasileira**. 2. ed., rev. e atual. São Paulo: Globo, 2002. 265 p.

LYONS, John. **Linguagem e lingüística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **Vitórias de TER sobre Haver nos meados do século XVI: usos e teoria em João de Barros**. In: Rosa Virgínia Mattos e Silva; Américo Venâncio Lopes Machado Filho. (Org.). *O português quinhentista: estudos lingüísticos*. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2002, v. 1, p. 119-142.

MATTOSO CÂMARA JÚNIOR., Joaquim. 1972. **The Portuguese Language: History and structure**. Chicago: University of Chicago Press.

MÓIA, Telmo. **Algumas áreas problemáticas para a normalização lingüística – disparidades entre o uso e os instrumentos de normalização**. Universidade de Lisboa. Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2004, pp. 109-125. Disponível em: <[http://www.fl.ul.pt/dlgr/pessoais/tmoia/tmoia\\_apl2004.pdf](http://www.fl.ul.pt/dlgr/pessoais/tmoia/tmoia_apl2004.pdf)> Acesso em: 14 mar. 2007

MORENO, Cláudio. **Sua língua** por Cláudio Moreno. Disponível em: <[http://www.sualingua.com.br/05/05\\_hiperonimo.htm](http://www.sualingua.com.br/05/05_hiperonimo.htm)> Acesso em: 13 mar. 2008

NEVES, M. H. M. . **A língua portuguesa em questão: uso, padrão e identidade lingüística**. *Língua portuguesa. Lusofonia - memória e diversidade cultural*. 1ª ed. São Paulo: Educ, 2008, v. , p. 173-186. Disponível em: <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pos\\_Graduacao/Doutorado/Letras/Publicacoes/Artigo\\_MariaHelenaMouraNeves\\_AlinguaPortuguesaemQuestao.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pos_Graduacao/Doutorado/Letras/Publicacoes/Artigo_MariaHelenaMouraNeves_AlinguaPortuguesaemQuestao.pdf)> Acesso em: 28 out. 2007

PAGANI, Luiz Arthur. **Os dois particípios em Português**. In: *Seminários do Grupo de Estudos Lingüísticos GEL, 1969-1994*, São Paulo. Anais, v. 2.

POWERS, Michael D. **Variação dos participios duplos no português e as suas implicações pedagógicas**. In: Hispania, v. 68, n. 2, p. 412-417, 1985.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Introdução ao Pacote VARBRUL para microcomputadores**. UFRJ/UnB, 1992/1993, inédito.

SCHWINDT, Luiz Carlos. **Produtividade, transparência e estatuto prosódico de palavras derivadas por prefixação em português brasileiro e espanhol peninsular**. Organon, Porto Alegre, v. 18, n. 36, p. 131-137, 2004.

SOUZA, Mariza Mencialha de. **Formas verbo-nominais latinas Ressonância em português**. In: VII Congresso Nacional de Linguística e Filologia, Cadernos do CNLF, série VII, n. 11, Morfossintaxe, [S.d.]. Disponível em:  
<[http://www.filologia.org.br/livraria/sumarios/cnlf\\_07\\_11\(sumario\).htm](http://www.filologia.org.br/livraria/sumarios/cnlf_07_11(sumario).htm)> Acesso em: 28 out. 2007

TARALLO, Fernando. **A pesquisa socio-lingüística**. São Paulo: Ática, 1997. 96 p. (Princípios 9).

WLODEK, Marcin. **O participio português: Formas e usos**. Romansk Fórum. n. 17, 2003. Universidade de Oslo. Disponível em:  
<<http://www.duo.uio.no/roman/Art/Rf18-03-2/Wlodek.pdf>> Acesso em: 14 fev. 2008

## ANEXOS



## ANEXO A

### Teste de Produtividade

Prezado colaborador,

Queremos contar com a sua contribuição nesta pesquisa que estamos realizando sobre a conjugação dos verbos.

A seguir, serão propostas alternativas para conjugação verbal a fim de obtermos subsídio para estudos lingüísticos sobre o modo como conjugamos os verbos no português falado no dia-a-dia. Não estamos preocupados com a "forma correta de falar ou de escrever", mas queremos saber quais seriam as alternativas que você escolheria se estivesse conversando com seus amigos, em uma situação descontraída. Por isto, pedimos que assinale com um "X" a sua opção.

Bom trabalho e desde já agradecemos a contribuição.

<input type="checkbox"/> Ela tinha chegado atrasada na faculdade ontem.	<input type="checkbox"/> O churrasco foi salgado pelo assador.
<input type="checkbox"/> Ela tinha chego atrasada na faculdade ontem.	<input type="checkbox"/> O churrasco foi salgo pelo assador.
<input type="checkbox"/> O bebê não tinha ficado quieto um minuto sequer.	<input type="checkbox"/> Finalmente foi saldada a dívida.
<input type="checkbox"/> O bebê não tinha fico quieto um minuto sequer.	<input type="checkbox"/> Finalmente foi salda a dívida.
<input type="checkbox"/> Tinha pagado a dívida sob protesto.	<input type="checkbox"/> A dívida foi pagada sob protesto.
<input type="checkbox"/> Tinha pago a dívida sob protesto.	<input type="checkbox"/> A dívida foi paga sob protesto
<input type="checkbox"/> Ter ganhado o prêmio foi sua salvação.	<input type="checkbox"/> O dinheiro foi gastado com futilidades.
<input type="checkbox"/> Ter ganho o prêmio foi sua salvação	<input type="checkbox"/> O dinheiro foi gasto com futilidades.
<input type="checkbox"/> A secretária tinha salvado o arquivo no disquete.	<input type="checkbox"/> Presos foram soltados devido ao indulto de natal.
<input type="checkbox"/> A secretária tinha salvo o arquivo no disquete.	<input type="checkbox"/> Presos foram soltos devido ao indulto de natal.
<input type="checkbox"/> Tinha pegado o dinheiro no caixa eletrônico.	<input type="checkbox"/> O prêmio foi ganhado por um aprendiz.
<input type="checkbox"/> Tinha pego o dinheiro no caixa eletrônico.	<input type="checkbox"/> O prêmio foi ganho por um aprendiz.
<input type="checkbox"/> Não tinha atentado para o problema.	<input type="checkbox"/> O novo colega foi adjuntado ao grupo.
<input type="checkbox"/> Não tinha atento para o problema.	<input type="checkbox"/> O novo colega foi adjunto ao grupo.
<input type="checkbox"/> Nenhum dos textos tinha abarcado o assunto.	<input type="checkbox"/> O azulejo foi rejuntado com cuidado.
<input type="checkbox"/> Nenhum dos textos tinha abarco o assunto.	<input type="checkbox"/> O azulejo foi rejunto com cuidado.
<input type="checkbox"/> O professor já tinha expulsado o aluno duas vezes.	<input type="checkbox"/> O documento foi entregue no prazo.
<input type="checkbox"/> O professor já tinha expulso o aluno duas vezes.	<input type="checkbox"/> O documento foi entregue no prazo.
<input type="checkbox"/> Ela ainda não tinha aceitado o convite.	<input type="checkbox"/> Seus sentimentos foram expressados nas atitudes.
<input type="checkbox"/> Ela ainda não tinha aceito o convite.	<input type="checkbox"/> Seus sentimentos foram expressos nas atitudes.

<p>( ) Eu já tinha perdido todo o dinheiro no jogo. ( ) Eu já tinha perco todo o dinheiro no jogo.</p> <p>( ) O sofá não tinha cabido em nenhuma peça da casa. ( ) O sofá não tinha caibo em nenhuma peça da casa.</p> <p>( ) Não tinha dizido uma palavra durante o jantar. ( ) Não tinha dito uma palavra durante o jantar.</p> <p>( ) Já tinha ponhado o feijão no fogo. ( ) Já tinha posto o feijão no fogo.</p> <p>( ) Ela tinha prendido o cabelo num rabo de cavalo. ( ) Ela tinha preso o cabelo num rabo de cavalo.</p> <p>( ) Os dois tinham rompido relações há anos. ( ) Os dois tinham roto relações há anos.</p> <p>( ) Tinha provido a dispensa com vários alimentos. ( ) Tinha provisto a dispensa com vários alimentos</p> <p>( ) Já tinha absorvido toda a água. ( ) Já tinha absorto toda a água.</p> <p>( ) Tinha escrevido a carta no computador. ( ) Tinha escrito a carta no computador.</p> <p>( ) A mãe tinha inscrevido a filha no concurso. ( ) A mãe tinha inscrito a filha no concurso.</p> <p>( ) O povo tinha elegido um prefeito corrupto. ( ) O povo tinha eleito um prefeito corrupto.</p> <p>( ) Ela tinha acendido o fogo com o isqueiro. ( ) Ela tinha aceso o fogo com o isqueiro.</p>	<p>( ) Aquele livro foi relido diversas vezes. ( ) Aquele livro foi releito diversas vezes.</p> <p>( ) O cão era trazido ao veterinário quase sempre. ( ) O cão era trago ao veterinário quase sempre.</p> <p>( ) O menino foi vido pela última vez na rodoviária. ( ) O menino foi visto pela última vez na rodoviária.</p> <p>( ) O glacê é fazido de açúcar. ( ) O glacê é feito de açúcar.</p> <p>( ) O balde foi enchido até transbordar. ( ) O balde foi cheio até transbordar.</p> <p>( ) O rosário foi benzido pelo padre durante a missa. ( ) O rosário foi bento pelo padre durante a missa.</p> <p>( ) Foi revolvida a terra antes do plantio. ( ) Foi revolta a terra antes do plantio.</p> <p>( ) Resolvido o problema, tudo ficou esclarecido. ( ) Resoluto o problema, tudo ficou esclarecido.</p> <p>( ) A receita foi prescrevida pelo médico de novo. ( ) A receita foi prescrita pelo médico de novo.</p> <p>( ) Eles foram convencidos a aceitar o acordo. ( ) Eles foram convictos a aceitar o acordo.</p> <p>( ) O prefeito corrupto foi elegido pelo povo. ( ) O prefeito corrupto foi eleito pelo povo.</p> <p>( ) O ataque aos inimigos foi suspenvido. ( ) O ataque aos inimigos foi suspenso.</p>
<p>( ) Eu tinha servido o bolo com o chá. ( ) Eu tinha sirvo o bolo com o chá.</p> <p>( ) Eu tinha pedido pra ele ficar quieto. ( ) Eu tinha peço pra ele ficar quieto.</p> <p>( ) O fax já tinha vido ontem. ( ) O fax já tinha vindo ontem.</p> <p>( ) Tinha tingido o cabelo com hena. ( ) Tinha tinto o cabelo com hena.</p> <p>( ) Tinha corrigido a prova com carinho. ( ) Tinha correto a prova com carinho.</p> <p>( ) As mulheres tinham excluído os homens do grupo. ( ) As mulheres tinham excluso os homens do grupo.</p> <p>( ) Já tinha cobrido as crianças antes de dormirem. ( ) Já tinha coberto as crianças antes de dormirem.</p> <p>( ) Não lembrava se tinha abrido a porta. ( ) Não lembrava se tinha aberto a porta.</p> <p>( ) Tinham restringido a entrada a estranhos. ( ) Tinham restrito a entrada a estranhos.</p> <p>( ) Tinham imprimido as provas a laser. ( ) Tinham impresso as provas a laser.</p>	<p>( ) O paciente foi despido para a cirurgia. ( ) O paciente foi dispo para a cirurgia.</p> <p>( ) O valor foi medido pela inflação. ( ) O valor foi meço pela inflação.</p> <p>( ) A bebida falsa foi vida do Paraguai. ( ) A bebida falsa foi vinda do Paraguai.</p> <p>( ) O ovo foi fritado na banha quente. ( ) O ovo foi frito na banha quente.</p> <p>( ) As vitaminas são absorvidas pelo organismo. ( ) As vitaminas são absortas pelo organismo.</p> <p>( ) O imposto foi reduzido à metade. ( ) O imposto foi reduto à metade.</p> <p>( ) Era uma forma advida do latim. ( ) Era uma forma advinda do latim.</p> <p>( ) O sorvete foi descobrido e a mosca sentou. ( ) O sorvete foi descoberto e a mosca sentou.</p> <p>( ) O setor foi extinguido. ( ) O setor foi extinto.</p> <p>( ) As provas foram imprimidas a laser. ( ) As provas foram impressas a laser.</p>

Os verbos que apresentaremos agora não existem em português, mas queremos que você imagine um significado para eles e tente conjugá-los.

Sajar

- ( ) Já tinha sajado o guarda-chuva antes duas vezes.  
 ( ) Já tinha sajo o guarda-chuva antes duas vezes.

Bongar

- ( ) Por garantia, o sapato foi bongado duas vezes.  
 ( ) Por garantia, o sapato foi bongo duas vezes.

Detigar

- ( ) A irmã tinha detigado durante todo o baile.  
 ( ) A irmã tinha detigo durante todo o baile.

Petolar

- ( ) O soldado foi petolado ainda neste ano.  
 ( ) O soldado foi petolo ainda neste ano.

Minzer

- ( ) Não sabia quantas vezes tinha minzido ontem.  
 ( ) Não sabia quantas vezes tinha minto ontem.

Gorber

- ( ) Seu colega foi gorbido pelo professor alucinado.  
 ( ) Seu colega foi gorbo pelo professor alucinado.

Catender

- ( ) Quantas vezes já tinha catendido antes?  
 ( ) Quantas vezes já tinha catenso antes?

Fivacer

- ( ) Os carros foram todos fivacidos no domingo.  
 ( ) Os carros foram todos fivastos no domingo.

Tovir

- ( ) Ela tinha tovido a carteira antes de sair de casa.  
 ( ) Ela tinha tovo a carteira antes de sair de casa.

Zinbir

- ( ) O e-mail foi zinbido pela secretária.  
 ( ) O e-mail foi zinbo pela secretária.

Casorir

- ( ) Quantas vezes já tinha sido casorido antes?  
 ( ) Quantas vezes já tinha sido casorto antes?

Podensir

- ( ) Quando o moço foi podensido, adormeceu.  
 ( ) Quando o moço foi podenso, adormeceu.

Pedimos sua concordância quanto à utilização desses dados para pesquisa acadêmica e possível publicação, sem a divulgação de sua identidade.

NOME: \_\_\_\_\_ IDADE: \_\_\_\_\_

ESCOLARIDADE: \_\_\_\_\_ CIDADE: \_\_\_\_\_

DATA: \_\_\_\_\_

De acordo: \_\_\_\_\_

(Assinatura)

## ANEXO B

**Testes de Produtividade**  
**Resumo das Ocorrências dos Verbos do Léxico**

Quantidade	Verbo	Tempo
	<b>1ª CONJUGAÇÃO</b>	<b>TEMPO COMPOSTO c/ irregular</b>
22	ABARCAR	3
22	ACEITAR	17
22	ATENTAR	6
22	CHEGAR	8
22	EXPULSAR	5
22	FICAR	8
22	GANHAR	18
22	PAGAR	20
22	PEGAR	15
22	SALVAR	14
		<b>VOZ PASSIVA c/ irregular</b>
22	ADJUNTAR	12
22	ENTREGAR	22
22	EXPRESSAR	13
22	FRITAR	19
22	GANHAR	22
22	GASTAR	22
22	PAGAR	20
22	REJUNTAR	0
22	SALDAR	0
22	SALGAR	3
22	SOLTAR	22
	<b>2ª CONJUGAÇÃO</b>	<b>TEMPO COMPOSTO c/ irregular</b>
22	ABSORVER	0
22	ACENDER	4
22	CABER	1
22	DIZER	22
22	ELEGER	21
22	ESCREVER	22
22	INSCREVER	22
22	PERDER	0
22	POR	22
22	PRENDER	6
22	PROVER	0
22	ROMPER	0
		<b>VOZ PASSIVA c/ irregular</b>
22	ABSORVER	0
22	BENZER	4
22	CONVENCER	21
22	CORROMPER	18
22	ENCHER	14
22	FAZER	22
22	PRESCREVER	21
22	RELER	0
22	RESOLVER	0
22	REVOLVER	5
22	SUSPENDER	21
22	TRAZER	1
22	VER	22

Quantidade	Verbo	Tempo
	<b>3ª CONJUGAÇÃO</b>	<b>TEMPO COMPOSTO c/ irregular</b>
22	ABRIR	1
22	COBRIR	20
22	CORRIGIR	0
22	EXCLUIR	1
22	IMPRIMIR	16
22	PEDIR	2
22	RESTRINGIR	9
22	SERVIR	2
22	TINGIR	0
22	VIR	0
		<b>VOZ PASSIVA c/ irregular</b>
22	ADVIR	0
22	DESCOBRIR	22
22	DESPIR	0
22	EXTINGUIR	19
22	IMPRIMIR	21
22	MEDIR	0
22	REDUZIR	0
22	VIR	22

## ANEXO C

**Testes de Produtividade**  
**Resumo das Ocorrências dos Verbos Hipotéticos**

Quantidade	Verbo	
	<b>1ª CONJUGAÇÃO</b>	<b>Irregular</b>
22	Bongar	7
22	Sajar	9
22	Detigar	6
22	Petolar	4
	<b>2ª CONJUGAÇÃO</b>	<b>Irregular</b>
22	Gorber	7
22	Minzer	5
22	Catender	5
22	Fivacer	11
	<b>3ª CONJUGAÇÃO</b>	<b>Irregular</b>
22	Tovir	7
22	Zinbir	5
22	Casorir	3
22	Podensir	10

**ANEXO D**  
**Lista de Ocorrências dos verbos do VARSUL**

**Abandonar**  
foi abandonado

**Acabar**  
ter acabado  
tinha acabado  
tinha acabado  
tinha acabado  
tinha acabado

**Aceitar**  
é aceita  
é aceito

**Acentuar**  
é acentuado

**Achatar**  
era achatado

**Acomodar**  
sou acomodada  
sou acomodada  
sou acomodada  
sou acomodada

**Aconselhar**  
era aconselhado

**Acostumar**  
foram  
acostumados

**Adiantar**  
tenha adiantado  
está adiantado

**Afetar**  
foi afetado

**Agarrar**  
é agarrado

são agarrados

**Agraciar**  
foi agraciada  
fui agraciado

**Aguar**  
está aguada

**Alargar**  
ser alargada

**Alterar**  
ser alterados

**Alugar**  
era alugada  
**Aparelhar**  
estar aparelhados

**Apavorar**  
estava apavorada

**Aplicar**  
estava aplicado

**Apoiar**  
ter apoiado

**Aposentar**  
estou aposentado

**Arborizar**  
é arborizado  
**Armar**  
foi armado

**Arrasar**  
estou arrasado

**Arrepiar**  
era arrepiada

**Arrumar**  
está arrumada  
está arrumado

**Asfaltar**  
era asfaltado  
está asfaltado

**Assaltar**  
é assaltado  
foi assaltada  
for assaltado  
fui assaltado  
ser assaltado

**Aterrar**  
foi aterrado  
foi aterrado

**Atrasar**  
ser atrasado  
está atrasado  
estavam  
atrasados

**Atropelar**  
foi atropelada

**Avisar**  
ter avisado

**Batizar**  
fui batizado  
fui batizado  
foi batizado

**Botar**  
tinham botado

**Calçar**  
era calçada

era calçada  
era calçado  
era calçado  
eram calçadas  
está calçado

**Cansar**  
estava cansada  
estou cansada

**Calçar**  
era calçada  
era calçada  
era calçado  
era calçado  
eram calçadas  
está calçado

**Cansar**  
estava cansada  
estou cansada  
estou casado

**Cantar**  
é cantado

**Casar**  
tinha casado  
é casado  
é casado  
é casado  
era casada  
eram casados  
éramos casados  
foi casada  
fosses casado  
são casados  
são casados  
estavam casados

**Centralizar**  
é centralizado

**Cercar**  
sou cercada  
está cercado

**Chamar**  
ter chamado  
eram chamados  
fui chamado  
ser chamado

**Chegar**  
tem chegado  
ter chego  
tinha chegado  
é chegado  
és chegado  
somos chegados

**Classificar**  
estivesse  
classificado

**Colar**  
tinha colado

**Colocar**  
tinha colocado  
foram colocados  
são colocados

**Combinar**  
tinha combinado

**Comemorar**  
foi comemorado

**Complicar**  
está complicada

**Comprar**  
tinha comprado  
tinha comprado  
tinha comprado  
tinha comprado  
tinha comprado

**Compromissar**  
estava  
compromissado

**Confiscar**  
foi confiscado

**Contar**  
havia contado

**Controlar**  
é controlado  
seja controlado  
ser controlado  
ser controlado

**Conversar**  
tinha conversado

**Convidar**  
foi convidada  
foi convidado  
fui convidada  
fui convidada  
fui convidado  
fui convidado  
fui convidado  
fui convidado  
haviam  
convidado

**Cortar**  
foi cortada

**Costurar**  
era costurada

**Criar**  
ter criado  
é criado  
foi criada  
foi criado  
foi criado  
foi criado  
foi criado  
foi criado  
fomos criados  
foram criadas

foram criados  
foram criados  
ser criada  
está criado  
estamos criados

**Cuidar**  
está cuidada

**Dar**  
ter sido dada  
tinha dado  
tinha dado  
tivesse dado  
foi dado  
foi dado  
foi dado  
foi dado  
foi dado  
foi dado

**Deitar**  
estive deitado

**Deixar**  
ter deixado  
é deixada

**Dependurar**  
estivemos  
dependuradas

**Desacreditar**  
está  
desacreditada  
está  
desacreditada  
estão  
desacreditados

**Desapropriar**  
foram  
desapropriadas

**Desatualizar**  
estou  
desatualizado

**Descansar**

está descansado  
estou descansado

**Desempregar**  
está  
desempregado

**Desgraçar**  
estava  
desgraçado

**Despentear**  
estava  
despenteada

**Destacar**  
estiver destacado

**Destinar**  
eram destinadas

**Diferenciar**  
é diferenciado  
eram  
diferenciadas

**Dispensar**  
sou dispensado

**Divulgar**  
é divulgado

**Drogar**  
era drogado

**Educar**  
fui educada  
são educados

**Elaborar**  
é elaborado

**Eliminar**  
foi eliminado  
está eliminado

**Embalar**  
era embalado

**Empregar**  
está empregado

**Encostar**  
estive encostado

**Enfaixar**  
era enfaixada

**Engravidar**  
ter engravidado  
tinha engravidado

**Enjoar**  
estava enjoada  
estou enjoado

**Enlatar**  
é enlatado

**Enrugar**  
estava enrugado

**Entalar**  
estás entalada  
estás entalada

**Enterrar**  
foi enterrada  
foi enterrada  
está enterrada

**Entrar**  
tinha entrado  
tivesse entrado

**Entregar**  
foi entregue  
ser entregue  
ser entregue  
ser entregues

**Errar**  
tinha errado

**Escutar**  
tem escutado

**Espalhar**  
está espalhado

**Esquematizar**  
é esquematizado

**Estabilizar**  
está estabilizado

**Estourar**  
estavam  
estouradas

**Estragar**  
estava estragado

**Estruturar**  
era estruturado  
ser estruturado

**Evangelizar**  
ser evangelizado

**Executar**  
ser executado

**Experimentar**  
era  
experimentado

**Expulsar**  
era expulso  
**Fabricar**  
é fabricado  
era fabricado

**Facilitar**  
ter facilitado  
está facilitado

**Falar**  
tem falado  
ter falado  
tinha falado  
tinha falado  
tinha falado  
é falada  
é falado

era falado

**Fechar**  
tinha fechado  
sou fechada  
estava fechada

**Festejar**  
era festejado

**Ficar**  
tinha ficado

**Fincar**  
estava fincado

**Formar**  
era formada  
eram formados  
são formados  
ser formados  
está formado

**Forrar**  
ser forrada

**Frequentar**  
é frequentada  
é frequentado  
é frequentado  
era frequentado

**Fumar**  
ter fumado  
teria fumado  
teria fumado  
tinha fumado

**Ganhar**  
ter ganho  
tinha ganhado  
tinha ganho  
tinha ganho  
tinha ganho

**Gerir**  
são geridas

**Governar**  
ser governada

**Guardar**  
tinha guardado

**Habitar**  
era habitada

**Habituar**  
é habituado

**Iluminar**  
é iluminado

**Implantar**  
foi implantado  
está implantada

**Importar**  
era importada

**Inaugurar**  
ter inaugurado  
ter inaugurado

**Indicar**  
era indicada

**Informar**  
estar informado  
estou informado

**Iniciar**  
foi iniciado

**Injuriar**  
foi injuriado

**Instalar**  
tinha instalado  
tinha instalado

**Interditar**  
foi interdita  
foi interdita



**Interessar**  
tivesse se interessado  
tivesse se interessado  
está interessado  
está interessado

**Internar**  
tinha sido internado  
ser internado  
ser internado  
esteve internado  
esteve internado  
tinha sido internado

**Interpretar**  
foi interpretada  
foi interpretada

**Isolar**  
era isolado

**Jogar**  
era jogada  
era jogada  
ser jogado  
ser jogado  
está jogada  
**Juiciar**  
era judiado

**Lançar**  
foi lançada  
foi lançada

**Lesionar**  
foi lesionado

**Liberar**  
foi liberada  
foram liberados

**Libertar**  
foi libertado

**Lotar**  
estão lotados

**Machucar**  
tinham machucado

**Mandar**  
foi mandada  
ser mandado

**Marcar**  
tenha marcado  
tinha marcado

**Matar**  
tivesse matado

**Matricular**  
fui matriculado

**Medicar**  
foi medicada

**Melhorar**  
tivesse melhorado  
ser melhorado

**Misturar**  
está misturado

**Morar**  
ter morado

**Mudar**  
tenha mudado  
ter mudado

**Notar**  
tenho notado

**Obrigar**  
é obrigado  
são obrigados  
somos obrigados

**Olhar**  
tivesse olhado

**Orientar**  
tivesse orientado

**Notar**  
tenho notado

**Obrigar**  
é obrigado  
são obrigados  
somos obrigados

**Olhar**  
tivesse olhado

**Orientar**  
tivesse orientado  
**Parar**  
está parada  
está parado  
estava parado

**Passar**  
tinha passado

**Pegar**  
é pego  
foi pega

**Penalizar**  
era penalizado

**Pensar**  
tinha pensado  
tinha pensado

**Perguntar**  
tinha perguntado

**Pintar**  
tinha pintado

**Planejar**  
é planejado

**Praticar**  
ser praticado

**Precisar**  
é preciso

**Prejudicar**  
foi prejudicado

**Preocupar**  
estava preocupado  
está preocupado

**Preparar**  
foi preparada  
são preparados  
estava preparada  
estava preparada  
estava preparado  
estava preparado  
estava preparado

**Procurar**  
fui procurado

**Programar**  
ter sido programado

**Quebrar**  
está quebrado  
**Queimar**  
tinha queimado  
tinha se queimado

**Rachar**  
estava rachado

**Radicar**  
está radicado

**Ralar**  
está ralada

**Rasgar**  
era rasgada  
era rasgada

**Realizar**  
foi realizado

são realizadas

**Reclamar**  
tem reclamado

**Recortar**  
eram recortados

**Reformar**  
estou reformado

**Resfriar**  
estou resfriada

**Refrigerar**  
era refrigerado

**Registrar**  
ter registrado  
tivesse registrado  
era registrada

**Remunerar**  
fosse remunerado  
fosse remunerado  
ser remunerada

**Renegar**  
era arrenegado

**Reprovar**  
fui reprovado

**Respeitar**  
foi respeitado

**Retirar**  
está retirada

**Rodear**  
eram rodeados

**Roubar**  
tinha roubado  
tinham roubado  
fui roubada  
ser roubadas  
ser roubado

**Sacrificar**  
foi sacrificada

**Salpicar**  
tinha salpicado

**Salvar**  
estão salvos

**Sanar**  
é sanado

**Secar**  
tinha secado

**Sentar**  
estar sentado  
está sentado

**Separar**  
está separada  
ser separada

**Sufocar**  
estar sufocado

**Superlotar**  
está superlotado

**Sustentar**  
foram sustentadas  
são sustentados  
ser sustentado

**Tentar**  
tenho tentado  
tinha tentado

**Terminar**  
tinha terminado

**Tirar**  
ter tirado

**Tomar**  
tenho tomado  
tinha tomado  
tinha tomado  
tinha tomado  
tinham tomado  
era tomado  
ser tomadas

**Tombar**  
foi tombada  
eram tombadas

**Trabalhar**  
tinha trabalhado  
tinha trabalhado

**Trancar**  
é trancada

**Tratar**  
foi tratada

é tratado

**Trepar**  
estão trepados

**Trocar**  
tinha trocado

**Trotear**  
fui troteada

**Uniformizar**  
estão  
uniformizados

**Usar**  
ser usado

**Valorizar**  
era valorizada

**Velar**  
foi velada  
foi velada

**Viajar**  
tinha viajado

**Visitar**  
tinha visitado

**Voltar**  
ter voltado  
é voltada  
ser voltada  
está voltada

**Acontecer**  
tem acontecido  
tinha acontecido  
tinha acontecido  
tinha acontecido  
tinha acontecido

**Agradecer**  
sou grato

**Atender**  
ter atendido  
é atendido  
é atendido  
foram atendidas  
ser atendido

**Bater**  
terem batido  
tinha batido  
tinham batido  
tinham batido

**Ceder**  
foi cedido

**Conhecer**  
era conhecida  
era conhecido  
era conhecido

**Converter**  
está convertido

**Crescer**  
tem crescido

**Desenvolver**  
ter desenvolvido  
tivesse  
desenvolvido  
está desenvolvida

**Dispor**  
estou disposta  
estou disposta

**Dizer**  
tinha dito  
tinha dito  
ser dita

**Eleger**  
é eleito  
foi eleito  
foi eleito  
fui eleito  
ser eleito  
estava eleito

**Encher**  
está cheio

**Enlouquecer**  
tivesse  
enlouquecido

**Entender**  
ser entendida

**Envolver**  
está envolvido  
estava envolvido

**Esclarecer**  
era esclarecida  
era esclarecida  
está esclarecido

**Escolher**  
foi escolhido

**Esconder**  
era escondido

**Escrever**  
fosse escrito  
está escrito  
está escrito

**Espremer**  
estivesse  
espremida

**Esquecer**  
foi esquecido

**Estabelecer**  
está estabelecidas  
estava  
estabelecido

**Fazer**  
tem feito  
tem feito  
tenha feito  
tenha feito  
tenho feito  
tenho feito  
ter feito  
ter feito  
ter feito  
ter feito  
tinha feito  
tinha feito  
tinha feito  
tinha feito  
tinha feito  
tinham feito  
é feita  
é feito  
é feito  
é feito  
é feito  
é feito  
é feito  
era feita  
era feito  
era feito  
foi feita  
foi feita  
foi feita  
foi feita  
foi feito  
foi feito  
foi feito  
foi feito  
foi feito  
foram feito  
foram feitos

são feitos  
seja feita  
sejam feitas  
ser feito  
ser feito  
ser feitos

**Inscriver**  
ser inscrito

**Meter**  
era metido  
estava metido

**Morrer**  
terem morrido  
tinha morrido  
tivesse morrido  
está morta  
está morto  
estava morto

**Nascer**  
ter nascido  
tinha nascido  
era nascida  
era nascida

**Perder**  
está perdida  
está perdido  
estamos perdidos

**Prender**  
foi preso  
estava preso

**Prever**  
estava prevista

**Querer**  
era bem quisto

**Recolher**  
foram recolhidos

**Reconhecer**  
seres reconhecido

**Resolver**  
tinha resolvido  
era resolvido  
ser resolvido

**Saber**  
ter sabido

**Ser**  
tenham sido

ter sido  
ter sido  
teria sido  
tinha sido  
tinha sido

**Suceder**  
fui sucedido

**Ter**  
tem tido  
tinha tido

**Trazer**  
tivesse trazido

**Vender**  
ter vendido  
ter vendido  
tinha vendido  
foi vendido  
foi vendido  
foi vendido  
foram vendidas  
foram vendidas  
ser vendido

**Ver**  
tenho visto  
tenho visto  
tenho visto  
ter visto  
ter visto  
tinha visto  
tinha visto  
tinha visto  
tinha visto  
tivesse visto

**Abrir**  
é aberto  
é aberto  
foi aberto  
ser aberto  
está aberta

**Adquirir**  
foi adquirida

**Atingir**  
foi atingida

**Cair**  
está caído

**Construir**  
foi construída  
foi construída  
foi construído  
foi construído  
foi construído  
foi construído  
foi construído  
foram construídas  
são constituídas  
são  
condicionados  
são construídas

**Decidir**  
tinha decidido

**Demitir**  
fui demitida

**Discutir**  
tinha discutido

**Distribuir**  
é distribuído  
está distribuído

**Divertir**  
é divertido  
era divertido

**Dividir**  
é dividido  
é dividido  
era dividida  
era dividido  
era dividido

**Entupir**  
está entupido

**Evoluir**  
é evoluído

**Excluir**  
foram excluídas

**Florir**  
é florido  
está florido

**Ir**  
tenho ido  
ter ido  
ter ido  
tinha ido  
tinha ido  
tinha ido  
tinha ido  
tinha ido  
tinham ido  
tínhamos ido

**Investir**  
tinham investido

**Ouvir**  
tem ouvido  
tem ouvido  
terem ouvido

**Pedir**  
tenha pedido  
havia pedido

**Permitir**  
era permitido

**Poluir**  
era poluído  
está poluído

**Possuir**  
estar possuído  
estava possuído  
estava possuído  
estava possuído

**Proibir**  
é proibido  
foi proibido

**Punir**  
ter punido  
foi punido

**Readmitir**  
fui readmitido

**Reprimir**  
foi reprimida

**Restringir**  
é restrito

**Sair**  
tinham saído  
tivesse saído

**Servir**

é servido  
é servido  
era servida  
era servida  
era servido  
está servida  
está servido  
está servido

está servido  
está servido  
está servido  
está servido

**Subir**

tinha subido

**Surgir**

tinham surgido

**Transferir**

foi transferido

**Unir**

é unido  
é unido

foi unido

**Vestir**

foi vestida  
estar vestido

**Vir**

tem vindo

## ANEXO E

### Amostra de ocorrências de *tinha chego* em forma escrita na Internet

Aproximadamente **3.840** para "**tinha chego**"

O pendrive tinha chego com os vídeos de todas as câmeras do aeroporto com as datas e horários informados [...]. Disponível em:  
<<http://recantodasletras.uol.com.br/contospoliciais/1236859>> Acesso em: 20 nov. 08

Recebi o meu mapa semana passada tambem! cheguei em casa e ouvi "tem carta de Paris pra voce", nem imaginava que o mapa que tinha pedido ha mais de uma semana tinha chego... muito bom, valeu a pena. Disponível em:  
<<http://www.promocoespavoce.com.br/2007/06/chegou-o-mapa-mundi-gigante.html>>  
Acesso em: 20 nov. 08

esperei para ser atendido durante umas 2:00 hs, isso porque muita gente desistiu, enfim no dia 29/08/8008, que seria o prazo maximo para me entregar o aparelho, liguei para a autorizada com a OS 22670, me informaram que o aparelho ainda não tinha chego, logo liguei para [...]. Disponível em:  
<<http://www.reclameaqui.com.br/178153/sony-ericsson/falta-de-responsabilidade-com-o-consumidor/>> Acesso em: 20 nov. 08

— Ele estava me pedindo desde às 10h para trazê-lo. No caminho, paramos para ele colocar gasolina no meu carro e comprar duas cervejas, porque disso ele gostava. Na noite passada, tinha chego de manhã — disse Nilson. Disponível em:  
<<http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&section=Geral&newsID=a2287039.xml>> Acesso em: 20 nov. 08

A minha pergunta é bem simples, eu gostaria de saber porque voces me qualificaram como negativa, ja fiz a compra fui retirar o produto no local, nao fui grossa tive que esperar por que não tinha ninguem para me passar o produto ja que o resp. ainda não tinha chego, eu ja estava atrasada para o trabalho e nem por isso deixei o produto para la, fiquei aguardando. Disponível em:  
<[http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-82516555-carregador-sony-2100mha-4-pilhas-recarregaveis-original-\\_JM](http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-82516555-carregador-sony-2100mha-4-pilhas-recarregaveis-original-_JM)> Acesso em: 20 nov. 08

1991 - Foi na Maratona de Ribeirão Pires que na largada ele sentiu que tinha chego o dia em que todo o corredor almeja, o dia em que ele chegaria ao lugar mais alto do pódio. Disponível em:  
<<http://www.asprinttenis.com.br/ahistoria.htm>> Acesso em: 20 nov. 08

Até há pouco tempo atrás... As prateleiras de meu quarto lotaram, meus livros invadiram a sala de estar, aonde também começou a faltar espaço. Orgulhoso, Achei que finalmente tinha chego a um ponto aonde havia lido de tudo, já tinha mais livros do que minha capacidade de armazená-los. Diminui o ritmo, afinal, já tinha lido demais. Disponível em:

<[http://www.clubedopairico.com.br/colunas\\_Fabio\\_Zugman\\_002.html](http://www.clubedopairico.com.br/colunas_Fabio_Zugman_002.html)> Acesso em: 20 nov. 08

Não fosse o bastante, a tarifa aumentou mais uma vez, chegando agora a 13%. Desde o começo do ano até agosto o aumento da tarifa já tinha chego a 31,44%. Disponível em:

<<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2003/08/260240.shtml>> Acesso em: 20 nov. 08

Hoje o comentarista, num dos comentários, soltou esta frase: Se não fosse Muricy, o São Paulo não tinha “chego” ao grupo dos quatro. Pois é, comentarista: se o jornalismo esportivo brasileiro fosse um pouquinho mais exigente, você nunca teria chegado a empunhar um microfone. Disponível em: <<http://www.sacconi.com.br/blog/?p=507>> Acesso em: 20 nov. 08